

# CARTAS

■ JOSEMARIA ESCRIVÁ DE BALAGUER ■

## SOBRE A HUMILDADE NA VIDA ESPIRITUAL

*Cré'cete ante los obstáculos  
gracia de Dios no te  
alter! inter medium mo  
pertransibunt aqua — p  
través de los montes!  
i'que' importa que de  
de recordar tu ac  
elle q*

**Josemaría Escrivá de Balaguer**

**Edição preparada por Luis Cano**

**Sobre a humildade na vida espiritual**

***Carta 2***  
***(Volume de Cartas I)***

© 2022 by Scriptor S.A.

© 2022 by Fundação Studium

# ÍNDICE

Sobre esta edição

Principais ideias desta carta

Carta

Necessidade da humildade

Pela graça, o homem ´endeusa-se´

Edificar sobre alicerces de humildade

Saber que há obstáculos. Não se assustar com as misérias pessoais

O obstáculo das inclinações humanas

O obstáculo dos problemas pessoais

O obstáculo da escuridão interior

O obstáculo da aridez interior

O obstáculo das tentações

O obstáculo do desânimo

Deus dá remédio à nossa fragilidade

O obstáculo do fracasso

O poder de Deus revela-se na fraqueza humana

Sem humildade, as consciências deformam-se

Sinceridade na direção espiritual

Fiéis até à morte

Fidelidade à fé

Fidelidade à pureza, por amor

Fidelidade à vocação

Retificar um pouco em cada dia

Fé na misericórdia de Deus

É sempre possível chegar a ser santo

Responsáveis pela santidade dos outros

Unidos ao Senhor

Tratar Jesus Cristo com confiança. Alegria na luta

## SOBRE ESTA EDIÇÃO

Recolhemos neste livro eletrónico uma carta de São Josemaria sobre a importância da humildade na vida espiritual. Está datada de 24 de março de 1930.

Existe também um comentário oral de São Josemaria sobre esta carta, gravado em fita magnética, durante a reunião dos Conselheiros das diferentes regiões do Opus Dei, em janeiro de 1966, quando lhes entregou este documento. Foi publicado com o nº 2, no livro *Cartas I*, editado por *Ediciones Rialp* em 2020.

Este documento faz parte de um género literário particular de São Josemaria. Não é um tratado: o seu estilo é mais semelhante ao de uma conversa familiar, que o Fundador mantém com os membros do Opus Dei de todos os tempos. O tom é semelhante ao que costumava usar nas suas tertúlias com pessoas da Obra, nas quais transmitia de viva voz o espírito, a história e as tradições da Obra.

O livro *Cartas I*, tanto em papel como em formato digital, pode adquirir-se no site das *Ediciones Rialp*: [www.rialp.com](http://www.rialp.com)

**[Voltar ao índice](#)**

## PRINCIPAIS IDEIAS DESTA CARTA

Nesta carta, São Josemaria trata de uma virtude fundamental na vida cristã: a humildade. Para ele, a vida cristã exige uma conversão constante. Não é necessário ser um pecador obstinado para se arrepender, para se levantar depois de uma queda, para ser curado das suas feridas e confiar mais plenamente na força que a graça divina proporciona. Esta deve ser para ele a atitude normal de todo o cristão que se entregou a Deus.

Embora não exista um índice nem um esquema, é possível identificar uma certa estrutura no texto, que se pode dividir em seis partes.

A primeira (n.ºs 1-7) trata da relação entre a humildade e a graça, como fundamentos da vida espiritual. Desenvolve aqui um dos seus temas mais queridos desde os anos 30: o “endeusamento bom”.

A Carta começa "entre barcos e redes", como São Josemaria gostava de dizer: com uma cena situada no Mar da Galileia. Cristo vem ao encontro de um grupo de homens que estão a trabalhar no seu ofício, e fá-lo caminhando sobre o mar. *Videns eos...*: Ele viu-os a remar, fatigados. Jesus tem compaixão dos seus discípulos, das dificuldades que estão a passar, e faz um milagre que demonstra o seu poder divino.

São Josemaria escolhe esta passagem evangélica para chamar a atenção sobre a missão dos Apóstolos, e compara a vocação ao Opus Dei com a dos primeiros seguidores de Cristo. Explica que Deus sobrenaturaliza a debilidade humana e a transforma numa realidade capaz de coisas muito grandes. Mas essa força divina só atua se vivermos a virtude da humildade.

Depois, seguem-se algumas considerações que, como ele diz, "vos ajudarão a edificar sobre uma profunda e sincera humildade" (n.º 8a).

Aqui começa a segunda parte, relativamente breve (n.ºs 8-14), onde trata de alguns temas aos quais voltará noutras passagens da Carta, com maior extensão: a necessidade de confiança em Deus; o crescimento na caridade; os obstáculos e os fracassos; a ação do demónio contra a santidade pessoal; a importância de reagir perante as fraquezas e de as enfrentar com otimismo, apoiando-se na fortaleza de Deus.

A Carta continua a analisar os principais obstáculos à vida espiritual, na sua parte mais extensa (n.ºs 15-33). Alude aqui aos problemas pessoais mal focados, que levam ao egocentrismo ou à vitimização, como fruto do orgulho. Refere-se depois a situações de escuridão e aridez interior, para as quais propõe uma série de remédios ascéticos.

Trata a seguir das tentações, das crises da maturidade, do desânimo e da consciência de uma certa falta de fecundidade, do sentimento de fracasso ou de incapacidade pessoal.

Na quarta parte (n.ºs 34-42), São Josemaria insiste na virtude da sinceridade, que considera um grande meio para conseguir a humildade. É característico do fundador do Opus Dei falar da sinceridade não como uma simples virtude humana, mas num contexto ascético, como uma manifestação de humildade e como um baluarte para a perseverança. Refere-se especialmente a ela no âmbito da orientação espiritual e da confissão.

Uma quinta parte (n.ºs 43-58) ilustra como a fidelidade a Deus é um dos frutos da humildade. Para São Josemaria, a vocação recebida traz consigo uma graça especial, uma ajuda sobrenatural específica para perseverar no seguimento de Cristo. É a humildade que nos abre os olhos ao poder imenso

da graça, mostrando que todos os obstáculos e fraquezas da vida espiritual se podem superar, graças ao auxílio divino.

O único obstáculo insuperável é precisamente a rejeição voluntária da graça, por causa do orgulho.

A parte final (n<sup>os</sup>. 59-61) refere-se à união com Deus, à vida contemplativa e à piedade, a uma relação de confiança com Jesus Cristo e com a Sua Mãe Santíssima.

**[Voltar ao índice](#)**

## CARTA

*[Sobre a humildade na vida espiritual; o seu **incipit** latino é **Videns eos**, com data de 24 de março de 1931, e foi impressa pela primeira vez em janeiro de 1966].*

**1** *Vendo-os remar com grande esforço, pois o vento lhes era contrário, por volta da quarta vigília da noite, ao amanhecer, foi ter com eles, caminhando sobre o mar*[\[1\]](#).

Comove-me, filhos queridíssimos, contemplar Jesus exercendo o Seu poder divino e realizando um milagre encantador, para ir ao encontro dos Seus, que estão cansados, a remar contra o vento para levarem o barco até onde o Senhor lhes disse.

Também nós cumprimos um mandato imperativo de Cristo, navegando num mar revolto pelas paixões e erros humanos, e sentindo às vezes, dentro de nós, toda a nossa fragilidade, mas firmemente decididos a conduzir a bom porto este barco de salvação que o Senhor nos confiou.

Por vezes, talvez se levante a voz da nossa impotência humana, do fundo do coração, perante a força do vento contrário: *tem misericórdia de mim, ó Deus, porque me perseguem, me combatem e me fazem sofrer constantemente. Os meus inimigos perseguem-me sem cessar, e são muitos, de facto, os que combatem contra mim*[\[2\]](#).

Ele não nos abandona, e está presente sempre que necessário, com a Sua onnipotência amorosa, para encher de paz e de segurança o coração dos Seus:

*Jesus falou-lhes então e disse: "Ânimo, sou Eu, não tendes medo". Foi ter com eles no barco, e o vento cessou[3].*

#### NECESSIDADE DA HUMILDADE

**2** Gostaria de vos fazer sentir, juntamente com a alegria que a chamada divina vos traz, uma íntima e sincera humildade, que não só é compatível com a esperança e a grandeza de espírito, mas é a sua melhor defesa e garantia. Porque *nem toda a segurança é digna de louvor, mas apenas a que abandona os cuidados na medida em que o deve fazer e naquilo em que não se deve temer. Assim é que a segurança é uma condição para a fortaleza e para a magnanimidade[4].*

Cada um de nós é como aquele gigante da Sagrada Escritura: *a cabeça da estátua era de ouro puro, o seu peito e braços de prata, o seu ventre e ancas de bronze, as suas pernas de ferro e os seus pés parte de ferro, parte de barro[5].*

Nunca esqueçamos esta fragilidade da natureza humana, e assim seremos prudentes, humildes, e não acontecerá o que aconteceu com aquela estátua colossal: *uma pedra solta, não lançada por mão, atingiu a estátua nos pés de ferro e barro, destruindo-os.*

*Depois o ferro, o barro, o bronze, a prata e o ouro desfizeram-se em pedaços e tornaram-se como o pó das eiras no Verão: o vento levou-os para longe, sem deixar deles nenhum vestígio[6].*

Ouvi, meus filhos, o que o Espírito Santo nos diz através de S. Paulo: Assim, pois, quem pensa estar de pé, tome cuidado para não cair. Não vos surpreendeu nenhuma tentação que tivesse ultrapassado a medida humana. Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados acima das vossas forças, mas, com a tentação, vos dará os meios de sair dela e a força para a suportar[7].

#### PELA GRAÇA, O HOMEM 'ENDEUSA-SE'

**3** A alma *endeusa-se*: a sua nova vida contrasta tanto com a anterior, e com a que encontra muitas vezes à sua volta! A fé diz-nos que uma alma em estado de graça é verdadeiramente uma alma divinizada: *Deus deu-nos as grandes e preciosas graças que nos tinha prometido*, a fim de que - por meio delas - vos torneis *participantes da natureza divina*[8]. Este conceito teologal do homem dista do conceito puramente humano e natural quase tanto como Deus dista da humanidade. Nós somos homens, de carne e osso, não anjos. Mas também no corpo, por influência da alma em graça, essa divinização se reflete, como um antecipar da ressurreição gloriosa.

*E ousarei dizer: porque sou santo? Se eu dissesse santo enquanto santificador e não necessitado de ninguém que me santifique, seria orgulhoso e mentiroso. Mas se entendermos por santo o santificado, segundo a expressão: Sede santos, porque Eu sou santo, então ouse também o Corpo de Cristo, até ao último ser humano que clama dos confins da terra, com a sua Cabeça e sob a sua Cabeça, e diga audazmente: porque Eu sou santo*[9].

**4** Não vos posso esconder, meus filhos, o meu receio de que nalgum caso, esse endeusamento sem uma base profunda de humildade, possa levar à presunção, à corrupção da verdadeira esperança, à soberba e, mais cedo

ou mais tarde, ao colapso espiritual, perante a experiência inesperada da fraqueza pessoal.

Costumo dar o exemplo do pó que é elevado pelo vento até formar, lá no alto, uma nuvem dourada, porque admite os reflexos do sol. Assim nos eleva a graça de Deus, e reflete em nós toda essa maravilha de bondade, de sabedoria, de eficácia, de beleza, que é Deus. Se tu e eu sabemos que somos pó e miséria, coisa pouca, o Senhor providenciará o resto. É uma consideração que me enche a alma.

Mas endeusamento sem humildade? Mau! E se o endeusamento é corporativo, pior ainda! Porque Tu, Senhor, salvas o humilde, e humilhas o orgulhoso[10].

**5** Nas travessias da vida interior e nas do trabalho espiritual, o Senhor concede aos Seus apóstolos aqueles tempos de bonança, e os elementos, as suas próprias misérias e os obstáculos do ambiente, emudecem: a alma desfruta, em si e nos outros, da beleza e do poder do divino, e enche-se de contentamento, de paz, de segurança na sua fé ainda vacilante. Especialmente aos que estão a começar, o Senhor leva-os frequentemente, por esses mares menos revoltos, talvez durante anos, para os confirmar na sua primeira decisão, sem lhes exigir no início o que ainda não podem dar, porque são *sicut modo geniti infantes*[11], como crianças recém-nascidas.

**6** O endeusamento é mau se nos cega, se não nos permite ver com evidência que temos os pés de barro, pois a pedra de toque para distinguir o bom endeusamento do mau é a humildade. Por isso, ele será bom se não perdermos a consciência de que essa divinização é um dom de Deus, graça de Deus. É mau, quando a alma atribui a si mesma - às suas obras, aos seus méritos, à sua excelência – a grandeza espiritual que lhe foi dada.

Humildes, humildes! Porque sabemos que somos em parte feitos de barro, e conhecemos um pouquinho do nosso orgulho e das nossas misérias... e não sabemos tudo. Que descubramos o que estorva a nossa fé, a nossa esperança e o nosso amor!

*Esta humildade alcança-se de duas maneiras por aqueles que se esforçam por ser santos. Uma acontece quando quem luta por se exercitar na piedade está em plena experiência espiritual e, por causa da fraqueza do corpo, ou por causa da obra daqueles que querem mal aos que praticam a virtude, ou pelos maus pensamentos que o assaltam, vê-se a si mesmo de forma mais modesta e submissa. A outra maneira, por seu lado, ocorre quando a inteligência é ilustrada pela graça sagrada, em profundidade e plenitude: então a alma tem uma espécie de humildade natural. Tornada mais plena e como que mais rica pela graça divina, já não se pode arvorar com o empolamento do desejo de glória, embora cumpra sempre de forma acabada os mandatos de Deus. Age antes como inferior a todos, com um trato cheio de submissão e de divina modéstia[12].*

#### EDIFICAR SOBRE ALICERCES DE HUMILDADE

**7** Para lançar as fundações de um edifício, é necessário por vezes cavar muito fundo, chegar a uma grande profundidade, fazer grandes suportes de ferro e afundá-los até se apoiarem sobre rocha. Mas não há necessidade disso se aparecer logo terreno firme. Para nós, a rocha é esta: piedade, filiação divina, abandono nas mãos de Deus, sinceridade e manter a nossa cabeça na constante realidade da vida corrente: *Amo-Te, Senhor, minha fortaleza. O Senhor é a minha rocha, o meu refúgio e o meu libertador[13].*

É o mesmo Jesus, Senhor nosso, que nos diz: Todo aquele que escuta estas minhas palavras e as põe em prática é como o homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, engrossaram os rios, sopraram os ventos contra aquela casa, mas não caiu, porque estava fundada sobre a rocha. Porém, todo aquele que escuta estas minhas palavras e não as põe em prática poderá comparar-se ao insensato que edificou a sua casa sobre a areia. Caiu a chuva, engrossaram os rios, sopraram os ventos contra aquela casa, ela desmoronou-se e grande foi a sua ruína [14].

**8** Sinto-me agora levado, meus filhos, a fazer algumas considerações que deverão ajudar-vos a edificar sobre uma profunda e sincera humildade, porque desgraçados aqueles que desprezam a Sabedoria e a Sua disciplina! Vã é a sua esperança, sem proveito os seus esforços, inúteis as suas obras[15]. Mas *o Senhor deu aos santos o prêmio dos seus trabalhos e conduziu-os por um caminho cheio de prodígios: de dia, serviu-lhes de sombra e, durante a noite, de astro flamejante*[16].

**9** Dizia que há, no percurso desta navegação da nossa vida, tempos de bonança - interna ou externa – até mesmo prolongados, mas só no Céu a paz é definitiva, a serenidade é completa. Jesus Cristo disse-o: *não penseis que vim trazer a paz à terra: não vim trazer a paz, mas a guerra.*[17]

Um homem constrói-se pouco a pouco, e nunca chega a formar-se completamente, a realizar em si mesmo toda a perfeição humana de que a natureza é capaz. Num aspeto determinado, pode até tornar-se o melhor em relação a todos os outros, e talvez venha mesmo a ser insuperável nessa atividade natural concreta. Mas como cristão, o seu crescimento não tem limites: pode sempre crescer na caridade, que é a essência da perfeição.

*Pois a caridade, de acordo com a sua própria razão específica, não tem fim no seu crescimento, sendo, como é, uma participação na caridade*

*infinita, que é o Espírito Santo. Também a causa do aumento da caridade - isto é, Deus - é infinita no seu poder. E de modo semelhante, por parte do sujeito, também não se pode indicar um limite para esta melhoria, porque sempre, à medida que a caridade cresce, cresce também a capacidade de um ulterior desenvolvimento. Deve, portanto, concluir-se que nesta vida, não se pode estabelecer qualquer limite para o aumento da caridade[18]*

Ouçamos o testemunho de S. Paulo: Não que eu já o tenha alcançado ou já seja perfeito. Mas corro, para ver se o alcanço, já que fui alcançado por Cristo Jesus[19].

S. Paulo era um perfeito caminhante, mas por isso mesmo ele sabia que ainda não tinha alcançado a perfeição a que este caminho conduzia.\*

Não estranheis, pois, que vos diga, com Santo Agostinho: *corramos, continuemos, estamos no caminho: que a venturosa segurança das coisas passadas, não nos torne menos diligentes para aquelas que ainda não alcançamos[20]*

SABER QUE HÁ OBSTÁCULOS. NÃO SE ASSUSTAR COM AS MISÉRIAS PESSOAIS

**10** Alta é a meta a que Jesus nos chama: inacessível, até ao fim do caminho desta vida. É sempre possível procurar mais, e aquele que não avança, retrocede, aquele que não cresce, diminui. *Aqueles que me comem, lemos no Eclesiástico, continuarão a ter fome, e aqueles que me bebem continuarão a ter sede[21].*

Além disso, não podemos esquecer que trazemos dentro de nós um princípio de oposição, de resistência à graça: as feridas do pecado original, talvez inflamadas pelos nossos pecados pessoais. Opor-se-ão à tua fome de santidade, meu filho, em primeiro lugar, a preguiça, que é a primeira frente em que temos de lutar; depois a rebeldia, a relutância em levar sobre os

nossos ombros o suave jugo de Cristo, uma ânsia louca, não da santa liberdade, mas da libertinagem; a sensualidade e, em todos os momentos - cada vez mais dissimuladamente, com o passar dos anos -, a soberba. E depois, toda uma torrente de más inclinações, porque as nossas misérias nunca vêm sozinhas.

Não nos queiramos enganar: teremos misérias. Quando formos velhos também, as mesmas más inclinações de quando tínhamos vinte anos. E a luta ascética será igualmente necessária, e teremos de pedir ao Senhor que nos dê humildade. É uma luta constante. *Militia est vita hominis super terram*[22]. Mas a paz está precisamente na luta. A paz é consequência da vitória!

**11** Meus filhos, não tenhamos vergonha de sermos tão pobres, de termos nos nossos corações o *fomes peccati*, o material próprio para que o fogo do pecado se acenda. Não vos assusteis, pois *o justo cai sete vezes, e outras tantas se levanta*[23].

Na nossa luta espiritual, não faltarão os fracassos. Mas perante os nossos enganos, perante o erro, devemos reagir imediatamente, fazendo um ato de contrição, que virá ao nosso coração e aos nossos lábios com a prontidão com que o sangue acorre à ferida, combatendo eficazmente o corpo estranho, o germe da infecção.

*Em verdade vos digo*, diz o Senhor Deus, não tenho prazer na morte do ímpio, mas sim na sua conversão, a fim de que tenha a vida. Convertedei-vos! Afastai-vos desse mau caminho que seguis. Porque persistis em querer morrer, casa de Israel? Filho de homem, diz aos filhos do teu povo: No dia em que o justo se tornar infiel, a justiça dele não o salvará, do mesmo modo que a malícia do pecador não o fará sucumbir, se um dia renunciar à sua

perversidade. O justo não poderá viver pela sua justiça no dia em que pecar[24].

#### O OBSTÁCULO DAS INCLINAÇÕES HUMANAS

**12** É lógico, por outro lado, que sintamos a atração, não já do pecado, mas daquelas coisas humanas nobres em si mesmas, que deixámos por amor a Jesus Cristo, sem que por isso tenhamos perdido a nossa inclinação para elas.

Porque tínhamos essa tendência, a dedicação de cada um de nós foi um dom de si mesmo, generoso e desprendido. Porque perseveramos nesta entrega, a fidelidade é uma doação continuada: um amor, uma liberalidade, um desprendimento que perdura, e não um simples resultado da inércia. S. Tomás diz: *eiusdem autem est aliquid constituere, et constitutum conservare*[25], O mesmo que deu origem à tua entrega, meu filho, haverá de a conservar.

**13** *O reino dos céus é como um homem que semeou boa semente no seu campo*[26]. O campo de Deus é o mundo inteiro, e também o é, de modo especial, a tua alma. Além disso, uma vez que somos filhos de Deus, esse campo do nosso Pai é o nosso campo. A vós e a mim, o Senhor deixou-nos o mundo inteiro por herança. Pensemos no que isto significa de divinização, de grandeza, de responsabilidade.

*Mas enquanto os homens dormiam, o seu inimigo veio, semeou o joio entre o trigo e foi-se embora*[27]. O inimigo de Deus: as pessoas têm um certo medo de falar das intervenções, das artimanhas desse inimigo de Deus, de Satanás.

E eu digo-vos que temos de pensar, necessariamente, em que o demónio atua. Dá-me tanta devoção rezar ao pé do altar: *Sancte Michaël Archangele,*

*defende nos in proelio: contra nequitiam et insidias diaboli...*[28]. Para que nos livre da influência diabólica em tantas coisas pessoais e alheias.

*Cum autem dormirent homines...* Não queremos perder uma única palavra do que o Senhor nos diz. Porque, na nossa vida pessoal, não será um sono, um sono mau, que nos faz desperdiçar a boa semente da doutrina e de uma vida santa? Portanto, devemos estar vigilantes. *Custos, quid de nocte?*[29] Sentinela, alerta! Temos de estar em vigília, temos de ouvir o grito de alarme e repeti-lo aos outros. Não nos podemos deixar dormir, porque se não, no meio do bom, virá o mau: *vigiai e rezai, para não cairdes na tentação*[30]. *Agora, quando a haste cresceu e deu fruto, apareceu também o joio*[31]. Divina pedagogia, a das parábolas! Luminosas e claras, para as almas simples, mas ininteligíveis para os complicados e obstinados: por isso, os fariseus não as compreendem. O semeador, o campo, o inimigo, o joio... Aproxima-te mais de Cristo, e pede-Lhe que te explique a parábola *-edissere nobis parabolam*[32] - na intimidade da tua oração.

Diz ao Senhor que queres usar todos os meios que puderes. Quando vires que não os soubeste usar, que adormeces – triste coisa esse sono! -, é a hora de reagires, com a graça de Deus. É certo que a nossa atitude não terá sido um desleixo com a sua origem na falta de amor, mas sim na fraqueza. Por isso, devemos imediatamente dizer ao Senhor: daqui para a frente, serei forte, Contigo. As derrotas são minhas, as vitórias são Tuas. Não quero que haja mal no mundo: o campo será lavrado e receberá os cuidados necessários, com a semente generosamente semeada. *Livra-me, Senhor, dos meus inimigos, porque a Ti recorro. Ensina-me a fazer a Tua vontade, pois és o meu Deus* [33].

**14** Deixando de lado todo o impedimento e todo o pecado, corramos com perseverança na prova que nos é proposta, tendo os olhos postos em

Jesus, autor e consumidor da fé.

Ele, renunciando à alegria que lhe fora proposta, sofreu a cruz, desprezando a ignomínia, e sentou-se à direita do trono de Deus.

*Descarregando-nos de todo o peso e dos laços do pecado, corramos com Ele até ao fim da batalha que nos é proposta, com os olhos sempre postos em Jesus, o autor e o consumidor da nossa fé*[34]. Vamos ter dificuldades, mas conhecemos os meios para lutar e para superar as inclinações da pobre natureza humana: usemo-los e confiemos no Senhor, o nosso Salvador.

Sejamos otimistas. O próprio S. Paulo, na Epístola aos Filipenses, nos dirá: *Gaudete in Domino semper: iterum dico: gaudete*[35], vivei sempre alegres no Senhor. Repito, estai contentes. É preciso ver, meus filhos, o lado positivo das coisas. O que parece mais terrível na vida não é tão negro, não é tão escuro assim. Se virmos melhor, não chegaremos a conclusões pessimistas. Tal como um bom médico não diz, quando vê um doente, que tudo nele está mal, também eu vos peço, por amor a Jesus Cristo, que tenhais confiança. Não declareis nada como mau sem ver a contrapartida. Uma pessoa doente não é imediatamente um corpo para o cemitério. Vamos curá-lo, dando-lhe os remédios oportunos. Temos toda a farmacopeia dentro do nosso espírito.

#### O OBSTÁCULO DOS PROBLEMAS PESSOAIS

**15** Estejamos sempre serenos. Se formos piedosos e sinceros, não haverá penas duradouras, e desaparecerão totalmente essas outras que às vezes inventamos, porque objetivamente não o são. Viveremos com alegria, com paz, nos braços da Mãe de Deus, como seus filhos pequenos, pois isso somos.

De vez em quando, cada um vive no seu mundo interior um pequeno conflito, que o orgulho se encarrega de fazer grande, para lhe dar importância, para nos tirar paz. Não ligueis a coisas miúdas.

Digamos: sou um pecador que ama Jesus Cristo.

Quase todos os que têm problemas pessoais têm-nos pelo egoísmo de pensar em si mesmos. É necessário dar-se aos outros, servir os outros por amor de Deus: este é o caminho para que as nossas tristezas desapareçam.

A maioria das contrariedades tem a sua origem no facto de esquecermos o serviço que devemos aos outros e nos ocuparmos demasiado do *nosso eu*. Dedicar-se ao serviço das almas, esquecendo-se de si mesmo, é de tal eficácia que Deus o premeia com uma humildade cheia de alegria.

E nada de mentalidade de vítima. Há uma só Vítima: Cristo Senhor Nosso na Cruz. Precisamos é de calma e de espírito de serviço. E tudo isto faço por vós, para que a graça, multiplicando-se na comunidade, faça aumentar a ação de graças, para a glória de Deus. Por isso, não desfalecemos, e mesmo se, em nós, o homem exterior vai caminhando para a ruína, o homem interior renova-se, dia após dia. Com efeito, a nossa momentânea e leve tribulação proporciona-nos um peso eterno de glória, além de toda e qualquer medida. Não olhamos para as coisas visíveis, mas para as invisíveis, porque as visíveis são passageiras, ao passo que as invisíveis são eternas[36].

#### O OBSTÁCULO DA ESCURIDÃO INTERIOR

**16** Talvez tenhamos de ultrapassar outro obstáculo: a escuridão na vida interior. Um homem piedoso pode ter o seu pobre coração em trevas. E essas trevas podem durar uns momentos, uns dias, uma temporada, alguns anos. É a hora de clamar: *Senhor, tem misericórdia de mim, porque te*

*invoquei todo o dia: porque Tu, Senhor, és manso e pacífico, e de muita clemência para aqueles que Te invocam*[\[37\]](#).

E é hora de meditar naquele facto prodigioso que São João nos relata: Ao passar, Jesus viu um homem cego de nascença. Os seus discípulos perguntaram-lhe então: «Rabi, quem foi que pecou para este homem ter nascido cego? Ele, ou os seus pais?» Jesus respondeu: «Nem pecou ele, nem os seus pais, mas isto aconteceu para nele se manifestarem as obras de Deus[\[38\]](#).

Pode acontecer que a nossa cegueira - se vier - não seja consequência dos nossos erros, mas um meio de que Deus se quer valer para nos tornar mais santos, mais eficazes. Em qualquer caso, trata-se de viver de fé, de tornar a nossa fé mais teologal, menos dependente, no seu exercício, de outras razões que não sejam o próprio Deus. *Como alguém que tem poucos conhecimentos se sente mais seguro do que ouve a outra pessoa com muitos conhecimentos do que daquilo que lhe parece, segundo o seu próprio entendimento. Assim também, muito mais seguro está o homem daquilo que Deus disse, que não se pode enganar, do que daquilo que vê com a sua própria razão, que se pode enganar*[\[39\]](#).

Dito isto, cuspiu no chão, fez lama com a saliva, ungiu-lhe os olhos com a lama e disse-lhe: «Vai, lava-te na piscina de Siloé», que quer dizer Enviado. Ele foi, lavou-se e regressou a ver[\[40\]](#). Purifica-te, e terás de novo - melhorada - uma visão luminosa, divina.

**17** Deus exalta no mesmo que humilha. Se a alma se deixa orientar, se obedece, se aceita a purificação com fortaleza, se vive da fé, verá com uma luz inesperada, perante a qual pensará depois, admirado, que até aí fora cego de nascença. E Jesus falou-lhes novamente: «Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida»[\[41\]](#).

Em última análise, os nossos conflitos são também um problema de humildade. Reparemos no publicano, como reza no templo: *ficou longe, e por isso Deus aproximou-Se dele mais facilmente. Não ousando levantar os olhos ao céu, tinha já com ele Aquele que fez os céus... depende de ti que Ele esteja longe ou não. Ama, e Ele se aproximará; ama, e habitará em ti*[42].

#### O OBSTÁCULO DA ARIDEZ INTERIOR

**18** Talvez algum dia, meu filho, me digas que te sentes cansado e frio quando fazes as Normas de piedade, que te parece que estás a fazer uma comédia. Essa comédia é uma grande coisa, filho. O Senhor está a brincar connosco como um pai brinca com os seus filhos. Deus é eterno, e tu e eu, diante de Deus somos crianças pequeninas. *Ludens in orbe terrarum* [43]: estamos a *jogar* diante de Deus Nosso Pai, e Deus brinca connosco como os pais brincam com os seus filhos.

Se nalgum momento - perante o esforço, a aridez – nos passa pela cabeça que *estamos a fazer comédia*, devemos reagir assim: chegou a hora maravilhosa de fazer uma comédia humana com um espectador divino. O espectador é Deus: o Pai, o Filho, o Espírito Santo: a Santíssima Trindade. E com Deus nosso Senhor, a Mãe de Deus, e os anjos e os santos de Deus nos estarão a contemplar.

**19** Não podemos abandonar a nossa vida de piedade, a nossa vida de sacrifício, a nossa vida de amor. Fazer uma comédia diante de Deus, por Amor, para agradar a Deus, quando estamos a lutar *sem gosto* é ser trovador de Deus. É belo - não duvides - fazer essa comédia por Amor, com sacrifício, sem qualquer satisfação pessoal, para dar gosto ao Senhor, que *brinca* connosco. Viver de amor, sem andar a mendigar compensações

terrenas, sem procurar pequenas infidelidades miseráveis, sentir-se orgulhoso e bem pago só com isto: transformar a prosa diária em decassílabos de um poema heroico.

Obras é que são amor. Quem recebe os Meus mandamentos e os observa esse é que Me tem amor. E quem Me tiver amor será amado por meu Pai, e Eu o amarei e hei de manifestar-me a ele[44].

Se o Senhor às vezes nos dá a Sua graça e nos faz compreender os *Seus juízos* insondáveis[45], que são mais doces que o mel e o favo de mel[46], habitualmente não é assim. Precisamos de cumprir o nosso dever, não porque gostamos, mas porque temos essa obrigação. Não havemos de trabalhar porque nos apetece, mas porque Deus o quer, e então, trabalharemos com boa vontade.

O amor cheio de sabor, que faz a alma feliz, baseia-se na dor, na alegria de ir contra as nossas próprias inclinações, para fazer um serviço ao Senhor e à Sua Santa Igreja.

#### O OBSTÁCULO DAS TENTAÇÕES

**20** *Porque eras agradável a Deus, foi necessário que a tentação te provasse*[47]. Não esqueças que o Senhor é o nosso modelo, e que por isso, sendo Deus, permitiu que O tentassem, para que nos animássemos, para que - com Ele - estejamos seguros da vitória. Se sentes a trepidação da tua alma, nesses momentos, fala com o teu Deus e diz-Lhe: *Tem* compaixão de mim, Senhor, porque desfaleço; cura-me, Senhor, porque me sinto abalado e a minha alma está muito perturbada[48]. Será Ele que te dirá: *não tenhas medo, porque Eu te redimi e te chamei pelo teu nome: tu és Meu*[49].

Não te perturbes ao conheceres-te como és: assim, de barro. Não te preocupes. Porque tu e eu somos filhos de Deus - e este é o endeusamento

bom – escolhidos, por chamamento divino, desde toda a eternidade: Foi assim que Ele nos escolheu em Cristo antes da Criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis na Sua presença, no amor[50]. Nós, que somos especialmente de Deus, Seus instrumentos, apesar da nossa pobre miséria pessoal, seremos eficazes se não perdermos a humildade, se não perdermos o conhecimento da nossa fraqueza. As tentações dão-nos a dimensão da nossa própria debilidade.

**21** Uma coisa é pensar ou sentir, e outra é consentir. A tentação pode rejeitar-se facilmente: *até o mais pequeno grau de graça é suficiente para resistir a qualquer concupiscência e merecer a vida eterna*[51]. O que não convém fazer nunca é dialogar com as paixões que se querem descontrolar.

A tentação vence-se com oração e com mortificação: quando *me afligiam*, vestia-me como um penitente, humilhava a minha alma com jejuns e a minha oração era contínua[52]. Leva esta convicção à tua vida de entrega: se somos fiéis, podemos fazer muito bem no mundo. Sejam fortes, firmes, íntegros, inabaláveis perante as falsas seduções da infidelidade.

Poderemos então dizer, com o salmista: *Fui tentado e transtornado*, empurraram-me com violência para eu cair, mas o Senhor veio em meu auxílio[53]. Nós amamos-Te, Senhor, porque quando chega a tentação, nos dás a ajuda da Tua força - da Tua graça - para que possamos sair vitoriosos. Agradecemos-Te, Senhor, que permitas que sejamos provados, para sermos humildes.

**22** Quero agora prevenir-vos contra um conflito psicológico. Há alguns anos, dizia-me um bom frade, prudente e piedoso: não te esqueças que quando as pessoas chegam aos quarenta anos, os casados querem *descasar-se*; os frades, tornar-se padres; os médicos, advogados; os

advogados, engenheiros, e por aí fora: é como que uma hecatombe espiritual.

As coisas não acontecem exatamente como aquele religioso dizia, ou pelo menos, não são uma regra tão geral. Mas quero que os meus filhos saibam desse possível mal, e estejam prevenidos, mesmo que muito poucos passem por essa crise. Se algum dos vossos irmãos está a passar por esta angústia, tereis de o ajudar: rejuvenescendo e revigorando a sua piedade, tratando-o com especial afeto, dando-lhe uma ocupação agradável. Não será precisamente aos quarenta anos, mas pode ser aos quarenta e cinco. E será bom procurar ter uma temporada de descontração. E não faremos isto com dois ou três, mas com todos.

**23** Embora sendo muito pequenos diante de Deus, não podemos ser infantis. Vimos à Obra com idade suficiente para sabermos que temos os pés de barro, que somos feitos de carne e osso. Seria ridículo tomar consciência disso só em plena maturidade da vida: como uma criança de meses, que descobre com espanto as suas próprias mãos e pés. Nós viemos para servir a Deus, conhecendo toda a nossa fragilidade e fraqueza, mas se nos entregamos a Deus, o Amor impedir-nos-á de sermos infiéis.

Além disso, ser desleais, para nos agarrarmos então a um amor da terra, tenhamos a certeza de que seria o início de uma vida muito amarga, cheia de tristeza, de vergonha, de dor. Meus filhos: confirmai-vos nesta decisão de nunca vendermos o direito da primogenitura, de nunca o trocar, com o passar dos anos, por um prato de lentilhas\*. Seria uma grande dor desbaratar assim tantos anos de amor sacrificado. Digamos: *Jurei guardar os decretos da Tua justiça, e quero cumprir o meu juramento-* Jurei e vou cumprir: guardar os Teus justos decretos [54].

Deus, que premeia sempre a nossa fidelidade e nos recorda o *omnia in bonum\**, avisa-nos ao mesmo tempo contra o perigo constante de nos envaidecermos, segundo as palavras de Santo Agostinho: *para os que amam a Deus desta forma, tudo contribui para o seu maior bem: Deus dirige absolutamente todas as coisas em seu benefício, de modo que, mesmo aos que se desviam e se excedem, Ele fá-los progredir na virtude, porque se tornam mais humildes e experimentados. Aprendem que no próprio caminho da vida justa, se devem regozijar com alegria e temor, sem se atribuírem presunçosamente a si mesmos a segurança com que caminham, nem dizerem no tempo da prosperidade: nunca mais cairemos*[55].

#### O OBSTÁCULO DO DESÂNIMO

**24** Todos nós temos defeitos, mesmo que tenhamos lutado durante anos e anos para os vencer. Quando da nossa luta ascética tiramos desânimo, é porque somos orgulhosos. Temos que ser humildes, com o desejo de sermos fiéis. É verdade que *servi inutiles sumus*[56]. Mas com estes servos inúteis, o Senhor fará coisas muito grandes no mundo, desde que façamos alguma coisa da nossa parte: o esforço de levantar a mão, para agarrar a mão que Deus nos estende do céu, com a Sua graça.

Só os orgulhosos se surpreendem ao ver que têm os pés de barro. Um ato de contrição e de reparação, e seguimos em frente. Reconheçamos que, além das faltas que temos na nossa consciência, haverá outras, que estão ocultas aos nossos olhos. Dor de amor, portanto, e - na intimidade dessa dor e dessa humildade – ousaremos dizer ao Senhor que há também muito amor na nossa vida. Que se foi real a falta, real é o amor que Ele próprio põe em nós, que nos permite servi-Lo com toda a força dos nossos corações. Digamos frequentemente, como jaculatória, o ato de contrição de Pedro depois das negações: *Domine, tu omnia nosti, tu scis, quia amo te!*[57].

**25** Diz ao teu Anjo da Guarda – eu digo-o ao meu - que não queira olhar para os nossos erros, porque estamos arrependidos, contritos. Que ele leve ao Senhor esta boa vontade que nasce no nosso coração, como um lírio que brotou numa estrumeira.

Não admitamos o desânimo, por causa das vossas misérias pessoais ou das minhas, pelas nossas derrotas. Abramos o coração, sejamos simples: continuemos a percorrer o caminho, com mais carinho, com a força que Deus nos dá, porque Ele é a nossa fortaleza[58].

Se nos amamos a nós mesmos de uma forma desordenada, há razões para ficarmos tristes: quantos fracassos, quanta pequenez! A posse dessa nossa miséria causa tristeza, desânimo. Mas se amamos a Deus acima de tudo, aos outros e a nós próprios em Deus e por Deus, quantos motivos de alegria teremos! *É próprio da humildade que uma pessoa, considerando os seus próprios defeitos, não se envaideça. Mas não pertence à humildade, antes sim à ingratidão, o desprezo pelas coisas boas que recebeu de Deus. E esse desprezo provém da preguiça e da frouxidão*[59], é a falta de gosto pelas coisas espirituais, a tibieza, que é o sepulcro da vida interior.

Se sentires um abatimento, ao experimentares - talvez de uma forma particularmente viva - a miséria pessoal, é o momento de te abandonares por completo, com docilidade, nas mãos de Deus. Contam que um dia, um mendigo foi ao encontro de Alexandre Magno, pedindo esmola. Alexandre parou e ordenou que o fizessem senhor de cinco cidades. O pobre, confuso e desorientado, exclamou: "Eu não pedia tanto!" E Alexandre respondeu: "Tu pediste como quem és, eu dou-te como quem sou".

**26** Do fundo do abismo clamo a ti, Senhor! Senhor, ouve a minha prece! Estejam Teus ouvidos atentos à voz da minha súplica! Se tiveres em conta os nossos pecados, Senhor, quem poderá resistir? Mas em Ti encontramos o perdão, por isso Te fazes respeitar. Eu espero no Senhor! Sim, espero! A minha alma confia na Sua palavra. A minha alma volta-se para o Senhor, mais do que a sentinela para a aurora. Mais do que a sentinela espera pela aurora, Israel espera pelo Senhor; porque n'Ele há misericórdia e com Ele é abundante a redenção. Ele há de livrar Israel de todos os seus pecados[60].

Somos feitos de barro da terra - *de limo terrae*[61] -, de barro fraco: frágil, quebradiço, sem consistência. Mas já teremos visto como se reparam as vasilhas de cerâmica que se quebraram em pedaços: com grampos, para poderem continuar a servir. Os objetos assim arranjados ficam até mais bonitos: com uma graça especial. Vê-se que serviram para alguma coisa. E se continuam a servir, são excelentes.

Além disso, essas peças, se pudessem raciocinar, não teriam nunca soberba. Não é nada estranho que se tenham quebrado, e ainda menos estranho terem sido arranjadas, sobretudo se era uma peça insubstituível. E queres dizer-me, meu filho, como se poderá substituir a alma?

Apesar das nossas pobres misérias pessoais, somos portadores de essências divinas de valor inestimável: somos instrumentos de Deus. E como queremos ser bons instrumentos, quanto mais pequenos e pobres nos sentirmos, com verdadeira humildade, mais Nosso Senhor dará o que nos falta: O Senhor assegura os passos do homem e compraz-se nos seus

caminhos. Se cair, não ficará por terra, porque o Senhor há de estender-lhe a mão[62].

**27** Talvez vos depareis às vezes - não digo em grandes coisas, mas mesmo que fosse, que não o será – com a experiência, na vida pessoal, da cena de Naim, que São Lucas narra: levavam um defunto a sepultar, filho único de sua mãe, que era viúva; e, a acompanhá-la, vinha muita gente da cidade. Vendo-a, o Senhor compadeceu-se dela e disse-lhe: «Não chores.» Aproximando-se, tocou no caixão, e os que o transportavam pararam. Disse então: «Jovem, Eu te ordeno: Levanta-te!» O morto sentou-se e começou a falar. E Jesus entregou-o à sua mãe[63].

A vida interior é isso: começar e recomeçar. A vida interior consiste em fazer muitos atos de contrição, de amor e de reparação.

Senhor, eu te enalteço, porque me salvaste e não permitiste que os inimigos se rissem de mim. Apelei a Ti, Senhor, meu Deus, e Tu me curaste. Senhor, livraste a minha alma da mansão dos mortos, poupaste-me a vida, para eu não descer ao túmulo. Cantai salmos ao Senhor, vós que O amais, e dai-Lhe graças, lembrando a Sua santidade[64].

#### O OBSTÁCULO DO FRACASSO

**28** Noutras alturas, vemo-nos de mãos vazias. Será o momento de voltar a recomeçar, de ouvir, como Simão Pedro, a ordem de Cristo, que se escuta de novo: Quando acabou de falar, disse a Simão: «Faz-te ao largo, e vós, lançai as redes para a pesca.» Simão respondeu: «Mestre, trabalhámos durante toda a noite e não apanhámos nada, mas porque Tu o dizes, lançarei as redes.»

Assim fizeram e apanharam uma grande quantidade de peixe. As redes estavam a romper-se, e eles fizeram sinal aos companheiros que estavam no

outro barco, para que os viessem ajudar. Vieram e encheram os dois barcos, a ponto de se irem afundando. Ao ver isto, Simão caiu aos pés de Jesus, dizendo: «Afasta-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador»[65].

Recordando a miséria de que somos feitos, tendo em conta os fracassos que o nosso orgulho causou, perante a majestade deste Deus - de Cristo, pescador -, devemos dizer como Pedro: Senhor, eu sou um pobre pecador. E depois - agora a vós e a mim, como na altura ao Apóstolo -, Jesus Cristo repete-nos o que também nos disse quando nos meteu na Sua rede, chamando-nos: *ex hoc iam homines eris capiens*[66], a partir de agora, serás pescador de homens: com mandato divino, com missão divina, com eficácia divina.

**29** Os teus pés de barro não se quebrarão, porque conheces a sua inconsistência, e serás prudente, porque sabes bem que só Deus pode dizer: *Quem de vós me pode acusar de pecado?*[67]

Quando chega a noite e faço o exame, deito contas, vejo a soma e a soma é: *pauper servus et humilis!*\*. Digo muitas vezes: *cor contritum et humiliatum, Deus, non despicies!*[68]. Não o digo com humildade de fachada. Se o Senhor vê que, sinceramente, nos consideramos servos pobres e inúteis, que temos o coração contrito e humilhado, não nos desprezará, unir-nos-á a Ele, à riqueza e ao poder grande do Seu Coração amabilíssimo. E aqui temos o endeusamento bom: o de quem sabe que nada tem de bom que não seja de Deus: que ele, por si mesmo, não é nada, nada pode, nada tem.

**30** *Eis-me pois aqui. Eu sou o Deus que anula os teus pecados e não se lembra deles. Vês? Não os recordarei, diz, e isso é próprio da clemência. Mas tu recorda-te deles, para teres ocasião de te corrigires. Paulo, embora o soubesse, lembrava-se sempre dos pecados, que Deus tinha esquecido,*

*até ao ponto de dizer: Não sou digno de ser chamado Apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus. E Cristo veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o primeiro. Não disse: era, mas: sou.*

*Para Deus, os pecados estavam perdoados, mas para Paulo, a lembrança deles persistia. O que Deus tinha anulado, ele próprio o divulgava... Deus chama-lhe vaso de eleição, e ele chama-se a si mesmo o primeiro pecador. Se ele não tinha esquecido os pecados, pensa como se lembraria dos benefícios de Deus[69].*

São Paulo reconhece-se o último dos Apóstolos, mas sente também o mandato de evangelizar. Como tu e como eu. Tu saberás como és. Quanto a mim, posso dizer-te que sou um pobre, um pecador que ama Jesus Cristo. Pela graça de Deus é que não O ofendemos mais, mas sinto-me capaz de cometer todas as vilezas que qualquer outra pessoa tenha cometido.

Por isso, se outros - porque o Senhor, na Sua bondade, não os deixa ver a nossa fragilidade - nos consideram melhores do que eles, elogiam-nos e mostram desconhecer que somos pecadores, devemos pensar e meditar, no fundo do nosso coração, com verdadeira humildade: *tamquam prodigium factus sum multis: et tu adiutor fortis*[70], tornei-me, para muitos, como que um prodígio, mas bem sei que Tu, meu Deus, és a minha fortaleza.

#### O PODER DE DEUS REVELA-SE NA FRAQUEZA HUMANA

**31** E porque essas revelações eram extraordinárias, para que não me enchesse de orgulho, foi-me dado um espinho na carne, um anjo de Satanás, para me ferir, a fim de que não me orgulhasse. A esse respeito, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Mas Ele respondeu-me: «Basta-te a minha graça, porque a força manifesta-se na fraqueza.» De bom grado, portanto, prefiro gloriar-me nas minhas fraquezas, para que habite em mim

a força de Cristo. Por isso me comprazo nas fraquezas, nas afrontas, nas necessidades, nas perseguições e nas angústias, por Cristo. Pois quando sou fraco, então é que sou forte[71].

Deus, quando quer realizar alguma obra, usa meios desproporcionados, para que se possa ver claramente que a obra é d'Ele. Por isso, tu e eu, que conhecemos bem o peso avassalador da nossa baixeza, devemos dizer ao Senhor: Mesmo vendo-me miserável, não deixo de compreender que sou um instrumento divino nas Tuas mãos. Nunca duvidei de que os trabalhos que tenha feito ao longo da minha vida ao serviço da Santa Igreja, não fui eu que os fiz , mas o Senhor, ainda que Ele se tenha servido de mim: Um homem não pode tomar nada como próprio, se isso *não lhe for dado do Céu*[72].

**32** Vejamos estas palavras do Evangelho de São João: Disse-lhe Simão Pedro: «Senhor, para onde vais?» Jesus respondeu-lhe: «Para onde Eu vou, tu não me podes seguir por agora, hás de seguir-me mais tarde.» Disse-lhe Pedro: «Senhor, porque não posso seguir-Te agora? Eu daria a vida por Ti!» Replicou Jesus: «Darias a vida por mim? Em verdade, em verdade te digo: não cantará o galo, antes de me teres negado três vezes!»[73].

Por isso, quando dizemos ao Senhor que sim, com o coração apaixonado, que Lhe seremos fiéis, que estamos dispostos a qualquer sacrifício, diremos: Jesus, com a Tua graça; minha Mãe, com a tua ajuda. Sou tão frágil, cometo tantos erros, tantos pequenos enganos, que me vejo capaz, se me deixas, de cometer grandes erros!

**33** Sejam humildes, meus filhos. Reparemos que Jesus Cristo nos beijou os pés quando os beijou aos primeiros Doze. E Ele é quem é, e nós somos o que somos: pobres criaturas.

Se somos fiéis, se somos humildes, seremos limpos, mortificados, obedientes, seremos eficazes, em todo o mundo: quanto mais humildes, mais eficazes. Não viemos para mandar, mas para obedecer. Viemos para servir, como Jesus, que *non venit ministrari, sed ministrare*[74]. Meditemos muitas vezes nas palavras do Batista: *Illum oportet crescere, me autem minui*[75], convém que Ele cresça, e que eu diminua.

*Se queres ser grande, começa por ser pequeno; se queres construir um edifício que chegue ao céu, pensa primeiro em lançar os alicerces da humildade. Quanto maior for a massa que se quer edificar e quanto mais alto for o edifício, mais profundos terão de ser escavados os alicerces. Enquanto o edifício que se constrói vai subindo, quem cava os alicerces deve ir até ao mais fundo. Portanto, o edifício, antes de se erguer, humilha-se, e a sua altura levanta-se depois da humilhação*[76].

Os defeitos são razão para a humildade. Para sermos humildes, sinceridade com Deus. Sinceridade consigo mesmo.

**34** Não estranhes se te disser que amo os teus defeitos sempre que lutes para os eliminar, porque são um motivo de humildade. Aquele que é o primeiro literato de Castela disse que a humildade é a base e o fundamento de todas as virtudes, e sem ela não há nenhuma que o seja\*.

Se queremos perseverar, sejamos humildes. Para sermos humildes, sejamos sinceros: sinceros com Deus, connosco próprios e com aqueles que aconselham a nossa alma: *ut probetis potiora, ut sitis sinceri et sine offensa in diem Christi*[77], para que saibamos discernir o que é melhor, e para que nos mantenhamos puros e sem falta até ao final. Assim perseveraremos.

Sinceros com Deus: é difícil, porque as pessoas tendem ao anonimato. As pessoas que têm um papel importante na vida pública recebem frequentemente muitas mensagens anónimas. Perante Deus, há também

muitos que querem permanecer em anonimato, que se esquivam ao encontro na oração pessoal e no exame de consciência.

**35** Quantos que se atrevem, na confusão da multidão, a lançar um insulto, uma afronta grosseira, na passagem do grande cortejo, emudeceriam, acobardados, se estivessem sozinhos, cara a cara, em público, assumindo a responsabilidade dos seus atos! A falta de sinceridade, que leva ao anonimato e à cobardia, a evitar a responsabilidade pelos próprios atos, levanta a mão desconhecida no meio do tumulto da rua, para desfazer em pedaços, com uma pedrada, o vitral gótico de uma catedral. A razão cristã, que nos leva a amar a liberdade e a responsabilidade pessoal de todos, deve fazer-nos desejar conhecermo-nos a nós próprios, para aceitarmos as consequências dos nossos atos livres: o exame de consciência diário nos dará o conhecimento próprio, a verdadeira humildade e, como consequência, nos obterá do céu a perseverança.

Senhor, Tu examinaste-me e conheces-me. Ainda a palavra me não chegou à boca, já Tu, Senhor, a conheces perfeitamente. Onde é que eu poderia ocultar-me do Teu espírito? Para onde poderia fugir da Tua presença? Se subir aos céus, Tu lá estás; se descer ao mundo dos mortos, ali Te encontras. Se disser: "Talvez as trevas me possam esconder, ou a luz se transforme em noite à minha volta", nem as trevas me ocultariam de Ti e a noite seria, para Ti, brilhante como o dia. A luz e as trevas seriam a mesma coisa![\[78\]](#)

**36** Sejam sinceros connosco próprios. Mais difícil ainda. Já ouvimos dizer que o melhor negócio do mundo seria comprar pessoas pelo que realmente valem, e vendê-las pelo que acham que valem. A sinceridade é difícil. O orgulho coage a memória, obscurece-a; e, se encontra uma justificação para cobrir de bondade o mal cometido que não se está disposto

a retificar, acumulam-se argumentos, razões, que vão abafando a voz da consciência, cada vez mais débil, mais confusa.

*Como a vontade tende para o bem aparente, ela nunca se moveria para o mal, se o que não é bom não aparecesse de alguma forma como bom*[79].

As paixões, ou a vontade desviada forçam o entendimento, fazem-no consentir precipitadamente, ou fugir à consideração de certos aspetos que contrariam para, em vez deles, acolher outros que favorecem e adornam de bondade aquela inclinação.

#### SEM HUMILDADE, AS CONSCIÊNCIAS DEFORMAM-SE

**37** Se não formos humildes, profundamente humildes, é fácil chegar a deformar a consciência. Talvez na nossa vida, por fraqueza, possamos agir mal. Mas as ideias claras, a consciência clara: o que não podemos é fazer coisas más e dizer que são santas.

Quanto menos humildade, mais graves são as consequências dessa deformação. Porque alguns chegam a não se conformar com essa tranquilização subjetiva da sua consciência, mas sentem-se arautos de uma nova moral, missionários e profetas dessas reivindicações do mal, e espalham os seus erros com o fervor de uma nova cruzada, e arrastam na sua esteira os fracos, que encontram nessas doutrinas novas a justificação para as suas obras más, que se sentem assim dispensados da dor da retificação, a qual - para os humildes - é um feliz dever.

Não queirais ouvir as palavras dos profetas, que vos transmitem vãs esperanças. Proclamam as suas próprias visões, que não procedem da boca do Senhor. Eles dizem repetidamente aos que desprezam a palavra do Senhor: 'Tereis paz!'; e aos que seguem, obstinadamente, as tendências do seu coração: 'Nenhum mal virá sobre vós!'

Irei contra os profetas que sonham mentiras - oráculo do Senhor -, que as contam e desorientam o meu povo com essas mentiras e enganos. Não os enviei, não lhes dei missão alguma. Eles nenhum bem fazem a este povo», oráculo do Senhor[80].

Se depois de lerdes estas palavras da Sagrada Escritura, me dizeis que é difícil discernir, para uma alma comum, eu vou dar-vos um critério seguro: o amor à Santíssima Virgem, em primeiro lugar e depois, a obediência, que é a pedra de toque da verdadeira humildade.

#### SINCERIDADE NA DIREÇÃO ESPIRITUAL

**38** Viemos à Obra para sermos santos. Não ficaremos surpreendidos ao descobrir que estamos ainda longe de o ser. Por isso, admitiremos com simplicidade as nossas debilidades, sem tentarmos revesti-las de retidão, evitando o orgulho, que cega tremendamente, e nos faz ver tudo ao contrário do que realmente é. Meus filhos, sejamos sinceros connosco mesmos, sejamos objetivos. Alcançaremos assim a eficácia da nossa dedicação. É difícil: precisamos de ser humildes, abrir bem o coração, de par em par, na direção espiritual, para arejarmos todos os recantos da alma.

A nossa ascética tem a simplicidade do Evangelho. Não devemos complicar as nossas almas, deixando o coração obscurecido. Não podemos dificultar a ação do Espírito Santo, provocando na nossa vida uma solução de continuidade que nos afaste - mesmo que por pouco tempo - da simplicidade de coração e da sinceridade para com Deus[81].

Se alguma coisa nos preocupa, contamo-la, estando prevenidos contra o *demónio mudo*. Conta tudo, o pequeno e o grande, e assim sairás sempre vencedor. Não se vence quando não se fala. Isto explica-se, porque aquele

que cala tem um segredo com Satanás, e é muito mau ter Satanás como amigo.

**39** Sede sinceríssimos: não deixeis nada por dizer, precisamos de contar tudo. Reparai que, se não o fizermos, o caminho enreda-se. Reparai que se não, o que era nada acaba por ser muito. Lembremo-nos da história do cigano que foi confessar: ‘Senhor Padre, eu acuso-me de ter roubado uma corda. E atrás dela havia uma mula. E atrás dela, outra corda. E outra mula, e assim por diante, até vinte’. Meus filhos, o mesmo se passa com muitas outras coisas: quando se cede na corda, depois vem tudo o resto, toda a história, e depois vêm coisas que nos envergonham.

Quando eu era criança, havia duas coisas que me incomodavam muito: beijar as senhoras amigas da minha mãe, que vinham fazer uma visita, e vestir fatos novos. Metia-me debaixo da cama. Então a minha mãe, com carinho, dizia-me: *Josemaria, vergonha só para pecar*. Muitos anos mais tarde, apercebi-me de que havia naquelas palavras uma razão muito profunda. O diabo tira-nos a vergonha para nos fazer cometer erros, e depois devolve-nos a vergonha para que não contemos esses nossos erros. Talvez os mesmos dos quais outros se vangloriam, exagerando-os, a uma mesa de café.

**40** Sede muito sinceros, insisto. E quando te acontecer alguma coisa que não gostarias que se soubesse, vai logo dizê-la, a correr, a quem te pode ajudar, ao Bom Pastor. Esta decisão é lógica: imaginemos uma pessoa a caminhar com uma grande pedra às costas e os bolsos cheios de pedrinhas que, todas juntas, pesam cem gramas. Se situarmos esta pessoa em Madrid, vamos supor que a distância que tem de percorrer é desde a *Puerta del Sol* até *Cuatro Caminos*. Quando chegar ao fim do percurso, não tirará dos bolsos as pedrinhas, uma a uma, continuando, entretanto, com a pedra

grande às costas. Meus filhos, pois nós fazemos o mesmo. A primeira coisa que fazemos é deitar fora o que mais nos pesa. Qualquer outra forma de agir é uma grande tolice, e um princípio de falta de sinceridade.

Não tenhamos medo de nada nem de ninguém. Se chegarem frutos amargos, digamo-lo. Todo o remédio está em Deus, mesmo que tenha sido um delito grande, enorme. Dizei tudo, falai, que tudo se resolve. E quem vos ouve não se assustará com nada, porque sabe que também é feito de barro, e que é capaz de cometer o mesmo desatino, se for um desatino, porque a maior parte das vezes estes sofrimentos procedem de escrúpulos ou de uma consciência mal formada, mais uma razão para falar claramente.

**41** O medo de quem dirige a nossa alma é a tentação mais diabólica. O medo e a vergonha que não nos permitem ser sinceros são os maiores inimigos da perseverança. Somos feitos de barro, mas se falarmos, o barro adquire a força do bronze. Fixemos bem estas ideias, ponhamo-las em prática, e teremos assegurado a tranquilidade ao serviço de Deus, porque será muito difícil ficarmos ofuscados.

Meus filhos, viemos à Obra para sermos santos no meio do mundo. Para o conseguirmos, temos de usar todos os meios. Quando um doente vai a uma clínica para ficar saudável, se lhe pedirem para tirar a roupa porque têm de lhe fazer um exame, e ele diz que não, se lhe perguntarem que sintomas tem, e ele não quiser dizer... tal pessoa não deve ir a uma clínica, mas a um manicómio. Devemos facilitar o conhecimento de todas as nossas circunstâncias pessoais a quem tem a missão de nos formar, não podemos ter receio de que saibam como somos. Pelo contrário: deve causar-nos alegria fazer com que a nossa alma seja transparente. Só assim, com esta sinceridade com Deus, connosco e com quem nos forma, conseguiremos, na

medida do possível e com a ajuda de Deus, a perfeição cristã, a perfeição humana, a perseverança no bem.

**42** Precisamos de nos entregar de uma vez, sem reservas, com valentia. E dizer ao Senhor: *ecce ego: quia vocasti me!* [82]. Queimar as naus, para que não haja possibilidade de retrocessos. E essa possibilidade existirá enquanto tivermos recantos a ocultar na nossa alma. Seria uma dor enorme perder o nosso caminho porque nos dá na gana, talvez por não falarmos, mesmo quando as coisas *parecem* não ter remédio. Se falamos desde o primeiro momento, tudo se pode remediar mais facilmente.

Nos tempos de serenidade espiritual – do endeusamento bom - fazei como os engenheiros, que represam as águas límpidas que vêm em abundância das montanhas e, quando o verão chega, têm um bom reservatório para beber, para irrigar os campos, para produzir energia elétrica: luz e força.

Agora que abunda em nós a clareza, que encontramos no coração a ânsia de sermos fiéis, façamos o propósito firme de recorrer a essa clareza, invocando a Nossa Mãe Santa Maria, se um dia o Senhor permitir que pensemos que estamos rodeados de trevas.

#### FIÉIS ATÉ À MORTE

**43** Meus filhos, tudo o que nos propusemos se resume a sermos leais aos nossos pequenos deveres de cada momento, seguros de que estamos a fazer algo muito grande: cumprir o nosso dever de cristãos, dedicados a servir o Senhor nesta vida que passa, enquanto esperamos a eterna. Porque todo o mortal é como a erva e toda a sua glória como a flor da erva. Seca-se a erva e cai a flor, mas a palavra do Senhor permanece para sempre[83].

Pensemos também que *statutum est hominibus semel mori*[84], só se morre uma vez. Uns, na infância; outros, jovens, como vós; outros, em plena maturidade; outros, quando atingem a velhice. Não podemos perder o tempo, que é curto: temos de nos empenhar verdadeiramente na tarefa da nossa santificação pessoal e do nosso trabalho apostólico, que o Senhor nos confiou. Precisamos de *o gastar* fielmente, lealmente, administrando bem, com sentido de responsabilidade, os talentos que recebemos para levarmos para a frente a Obra de Deus.

A chamada divina exige de nós uma fidelidade intangível, firme, virginal, alegre, indiscutida à fé, à pureza e ao caminho: *aquele que perseverar até ao fim será salvo* [85], fiéis até ao último momento, e assim seremos santos.

#### FIDELIDADE À FÉ

**44** Àquela multidão que segue o Senhor, após a multiplicação dos pães e dos peixes, Jesus diz-lhes: *Em verdade, em verdade vos digo*: vós procurais-Me, não por terdes visto sinais milagrosos, mas porque comestes dos pães e vos saciastes[86]. Os milagres que o Senhor faz têm esta finalidade principal: manifestar a Sua divindade, para que nós tenhamos fé. *Perguntaram-Lhe* então: «Que havemos nós de fazer para realizar as obras de Deus?» Jesus respondeu-lhes: «A obra de Deus é esta: crer naquele que Ele enviou. Eles replicaram: «Que sinal realizas Tu, então, para nós vermos e acreditarmos em Ti? Que obras realizas Tu?[87].

Se falta a vontade de acreditar e a disposição humilde da alma, as maravilhas de Deus não se veem. A inteligência move-se num plano sem qualquer relevo, sem o sentido do sobrenatural. Por isso, quando Jesus lhes fala do Pão da Vida, da Eucaristia, eles ainda pensam no pão da terra.

*Disseram-lhe* então: «Senhor, dá-nos sempre desse pão!»[88]. E quando Ele lhes propõe o mistério em que devem acreditar, nos seus termos precisos, sem qualquer possibilidade de refutarem o seu conteúdo sobrenatural objetivo, quando lhes exige o ato de fé teológica, dando-lhes a graça suficiente para acreditarem, surge a debandada.

Desde então, muitos discípulos deixaram de O seguir e já não andavam com Ele. E Jesus disse aos Doze: «Também vós quereis ir embora?» Respondeu-lhe Simão Pedro: «A quem iremos nós, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna! Por isso nós acreditamos e sabemos que Tu és o Cristo, o Filho de Deus»[89].

Agora peço, para vós e para mim, a fé de Pedro, *quae per caritatem operatur*[90], que atua animada pela caridade. Uma fé viva e inabalável, sem hesitações, sem diluir o seu conteúdo, sem uma sombra, operativa.

#### FIDELIDADE À PUREZA, POR AMOR

**45** Amai a santa pureza, meus filhos: a nossa castidade é uma afirmação alegre, uma consequência lógica da nossa dedicação ao serviço de Deus, do nosso Amor. Poderíamos ter posto o afeto do nosso coração numa criatura, mas perante o chamamento de Deus, colocámo-lo inteiro, jovem, vibrante, limpo, aos pés de Jesus Cristo: *porque nos dá na gana*, - que é uma razão bem sobrenatural - corresponder à graça do Senhor.

Permiti-me abrir um parêntesis: devemos ter grande respeito e veneração pelo estado matrimonial, que é nobre e santo - *sacramentum hoc magnum est*[91], o casamento é um grande sacramento, e nós consideramo-lo como outro caminho vocacional, como uma participação maravilhosa no poder criador de Deus. Mas é doutrina de fé certa que, em si mesma, a vocação a um celibato apostólico nobre e limpo é mais elevada.

Iremos em frente, com a graça de Deus, não como anjos - isso seria uma desordem, pois os anjos têm outra natureza -, mas como homens fortes, limpos, comuns! Aquilo que tantas pessoas na terra fazem por um lar, o que os nossos pais fizeram com uma vida de fidelidade cristã, façamo-lo nós pelo Amor dos Amores. Amai muito, portanto, a santa pureza, invocai a Nossa Mãe do Amor Formoso, Santa Maria, e perseveraremos - alegres e sobrenaturalmente fecundos - neste *Caminho* divino da nossa Obra.

Se alguma vez sentirmos que a graça que Deus nos deu está em perigo, não devemos estranhar, porque, como já disse, somos feitos de barro: *habemus autem thesaurum istum in vasis fictilibus*<sup>[92]</sup>: um vaso de barro para conter um tesouro divino. Não estou a falar-te para o momento presente: falo-te para o caso de alguma vez sentires que o teu coração vacila. Nessa altura te peço, desde agora, uma fidelidade que se manifeste no aproveitamento do tempo e em dominar a soberba, na tua decisão de obedecer abnegadamente, na tua determinação para dominar a imaginação: em tantos detalhes pequenos, mas eficazes, que salvaguardam e manifestam, simultaneamente, a qualidade da tua entrega.

Se em algum momento a luta interior se tornar mais difícil, será uma boa oportunidade para demonstrarmos que o nosso Amor é realmente verdadeiro. Para quem começou a saborear de alguma forma a entrega, desistir seria como uma burla, um miserável engano. Não te esqueças do grito de S. Paulo: *quis me liberabit de corpore mortis huius?*<sup>[93]</sup>, quem me livrará deste corpo de morte? E escuta na tua alma a resposta divina: *sufficit tibi gratia mea!*<sup>[94]</sup>, basta-te a Minha graça!

O amor da nossa juventude que, com a graça de Deus, Lhe demos generosamente, não Lho vamos retirar com o passar dos anos. A fidelidade é a perfeição do amor: no fundo de todas os dissabores que pode haver na

vida de uma alma entregue a Deus, há sempre um ponto de corrupção e impureza. Se a fidelidade é completa e sem quebras, a entrega será alegre e inquestionável.

#### FIDELIDADE À VOCAÇÃO

**46** Deixai-me insistir: sede fiéis. É um desejo que trago cravado no meu coração. Se somos fiéis, o nosso serviço às almas e à Santa Igreja enche-se de abundantes frutos espirituais. Não esqueçamos, repito, que na vida se pode cometer algum erro, mas isso não significa nada contra o caminho, nem contra o Amor: significa que, de futuro, vamos ser mais prudentes. Ninguém pode raciocinar assim: como não posso com o peso de um dever, não cumprirei nenhum. É uma reação de orgulho, é passar do endeusamento ao endemoninhamento. *Corruptio optimi pessima*, ensina o antigo adágio escolástico: a corrupção do que é bom é péssima. Só a humildade - com a graça - pode impedir essa corrupção, essa passagem rápida do melhor para o pior. "Quando um espírito impuro sai de um homem, passa por lugares áridos procurando descanso e, não o encontrando, diz: *Voltarei para a casa de onde vim. E quando chega, encontra-a limpa e bem varrida. Depois vai e leva consigo outros sete espíritos piores que ele, e entrando nessa casa, instalam nela a sua morada. Assim, o último estado daquele homem torna-se pior do que o primeiro*[\[95\]](#).

Abandonar tudo porque se renunciou a algo é absurdo, não leva a nada. É a lógica de um louco. Levamos connosco um tesouro, e se, por qualquer razão, perdemos uma parte no caminho, mesmo que seja uma parte considerável, essa não é razão para abandonarmos, despeitados, tudo o que nos fica. A atitude mais razoável será a de tomar todas as precauções - aproveitando agora também a nossa experiência - para não perdermos mais

nada. Nas coisas da alma, não há nada irremediavelmente perdido: o cuidado humilde e arrependido com que procurarmos conservar o que nos resta, permitir-nos-á recuperar, superando-o, o que perdemos. *Pois acontece por vezes que a intensidade do arrependimento do penitente é proporcionada a um estado de graça maior do que aquele do qual caiu pelo pecado.... Por isso, algumas vezes o penitente levanta-se com mais graça do que tinha antes*[96].

**47** Quem ficar agarrado às silvas do caminho, ficará por sua própria vontade, sabendo que será um desgraçado, porque virou as costas ao Amor de Cristo. Volto a afirmar que todos nós temos misérias. Mas as nossas misérias não devem nunca levar-nos a ignorar a chamada de Deus, mas sim a acolhermo-nos a essa chamada, a metermo-nos dentro dessa bondade divina, como os antigos guerreiros se metiam dentro da sua armadura: aquele *ecce ego, quia vocasti me!*[97], aqui me tens, porque me chamaste, é a nossa defesa. Não devemos ir contra a chamada de Deus porque temos misérias, devemos antes atacar as misérias porque Deus nos chamou.

Quando a dificuldade e a tentação vêm, o demónio tenta mais de uma vez fazer-nos raciocinar assim: como tens esta miséria, é sinal de que Deus não te chama, não podes continuar. E nós devemos estar conscientes do sofisma desse raciocínio, e pensar: como Deus me chamou, apesar deste erro, com a graça do Senhor, avançarei.

A nossa entrega confere-nos como que um título - um direito, por assim dizer - às graças necessárias para sermos fiéis ao caminho que um dia empreendemos, porque Deus nos chamou. A fé diz-nos que, quaisquer que sejam as circunstâncias que atravessamos, essas graças não nos faltarão se não renunciarmos voluntariamente a elas. Mas temos de cooperar: dentro dessa cooperação está o exercício da virtude da fortaleza. E uma parte da

fortaleza é a paciência para suportar a prova, a dificuldade, a tentação e as nossas próprias misérias. Quem foi posto à prova e permaneceu perfeito? Isto será para ele motivo de glória! Quem podia transgredir a lei e não a transgrediu, fazer o mal e não o fez? Os seus bens serão consolidados e a assembleia proclamará os seus benefícios[98].

Desde toda a eternidade o Criador escolheu-nos para esta vida de completa entrega: *elegit nos in ipso ante mundi constitutionem*[99], escolheu-nos antes da criação do mundo. Nenhum de nós tem o direito, aconteça o que acontecer, de duvidar da Sua chamada divina: há uma luz de Deus, há uma força interior gratuitamente dada pelo Senhor, que quer que, junto da Sua Omnipotência, esteja a nossa fraqueza, junto da Sua luz, a obscuridade da nossa pobre natureza. Ele procura-nos para corredimirmos, com um chamamento preciso, do qual não podemos duvidar: porque temos, além das mil e uma razões que considerámos noutras vezes, um sinal externo: o facto de estarmos a trabalhar com total dedicação na Sua Obra, sem qualquer motivo humano.

Se Deus não nos tivesse chamado, o nosso trabalho com tanto sacrifício no Opus Dei tornar-nos-ia dignos de um manicómio. Mas nós somos pessoas sensatas, normais, equilibradas, por isso há algo físico, externo, que nos assegura que esta chamada é divina: *veni, sequere me*[100], vem, segue-Me.

**48** Procuremos ser leais ao longo das nossas vidas, e se nalgum momento, sentirmos que não o somos, lutemos, peçamos ajuda a Deus e venceremos, pois Deus não perde batalhas. Ponhamos todas as nossas misérias aos pés de Jesus Cristo, para que Ele triunfe: e vereis que alto Ele fica, e como nos ajudará a *divinizar* a nossa vida terrena.

A fragilidade humana acompanha-nos até nos melhores instantes, nos momentos mais sublimes da nossa existência. Para que nada nos possa já surpreender, temos o testemunho do Santo Evangelho. Na Última Ceia, naquele ambiente de efusão de amor e de confidências divinas, no encontro dos mais íntimos, dos mais formados, dos prediletos: *facta est autem contentio inter eos, quis eorum videretur esse maior*<sup>[101]</sup>: começaram a discutir, a disputar entre eles, quem era o maior, o mais importante.

Por isso, quando sentirmos em nós mesmos, ou nos outros, qualquer debilidade, não devemos estranhar: recordemos aqueles que, com a sua indiscutível fraqueza, perseveraram e levaram a palavra de Deus a todos os povos. E foram santos. Estejamos prontos a lutar e a caminhar: o que conta é a perseverança.

#### RETIFICAR UM POUCO EM CADA DIA

**49** Constantes, alegres, retificando cada dia um pouco, como fazem os navios em alto mar, para chegarem a bom porto. Os santos foram como nós: tiveram boa vontade e a sinceridade de retificar, na sua vida interior, na sua luta – com vitórias e com derrotas, que às vezes são vitórias, procurando sempre o trato com Deus, que é esperança, que é fé, que é Amor.

O nosso Deus está contente com esta nossa luta, que é um sinal seguro de que temos vida interior, um desejo de perfeição cristã.

Lembremo-nos de quando João e Tiago vieram ter com Jesus e Lhe disseram:

*Mestre, nós gostaríamos que nos concedesses tudo o que Te pedíssemos. E Ele disse-lhes: "O que quereis que vos conceda? Concede-nos, responderam eles, que na Tua glória, nos possamos sentar um à Tua direita e outro à Tua esquerda. Jesus replicou-lhes: "Podeis beber o cálice que Eu*

*vou beber, ou ser batizados com o batismo com que Eu vou ser batizado? Eles responderam: possumus, podemos*[\[102\]](#). O caminho da Glória passa pelos estreitos da morte.

Ou ignorais que todos nós, que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados em virtude da Sua Morte? Pelo Batismo fomos, pois, sepultados com Ele, morrendo para o pecado, a fim de que, assim como Cristo ressuscitou de entre os mortos para a glória do Pai, também nós caminhemos numa vida nova[\[103\]](#).

Meus filhos, digamos com João e Tiago: *possumus!*\* *Omnia possum in eo qui me confortat*[\[104\]](#), tudo posso n'Aquele que me conforta. Enchei-vos de confiança, pois *Quem começou a obra a levará a bom termo*[\[105\]](#): podemos, se cooperamos, porque temos garantida a fortaleza de Deus: *quia tu es, Deus, fortitudo mea*[\[106\]](#).

**50** A nossa pedagogia é feita de afirmações, não de negações, e resume-se a duas coisas: atuar com senso comum e com sentido sobrenatural.

Entre outras manifestações desta pedagogia, há uma que se pode exprimir assim: muita confiança em Deus, confiança nos outros, e desconfiança de nós mesmos.

Não nos fiemos precipitadamente no nosso próprio julgamento: como o metal precioso se põe à prova - precisa da pedra de toque –, também nós temos de ver se o nosso julgamento é ouro provado, no aspeto humano e no sobrenatural, tendo em conta a opinião dos outros, especialmente daqueles que têm a graça de estado para nos ajudarem. Por isso, devemos ter a boa disposição de retificar o que tínhamos afirmado antes. Porque corrigirmo-nos não é uma humilhação: é um ato cheio de retidão, que está dentro desta pedagogia sobrenatural.

*O bem sobrenatural de uma única pessoa é melhor do que o bem natural de todo o universo*[\[107\]](#). É necessário pedir a Deus que ponha sempre na nossa inteligência essa fé e essa visão sobrenatural que conferem uma hierarquia objetiva às nossas ideias, aos nossos afetos e às nossas obras. Temos de pedir este critério, porque é um dom de Deus.

**51** Contemplai comigo o que São João escreve: Jesus chegou, pois, a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, perto do terreno que Jacob tinha dado ao seu filho José. Ficava ali o poço de Jacob. Então Jesus, cansado da caminhada, sentou-se, sem mais, na borda do poço. Era por volta do meio-dia[\[108\]](#). É comovente ver o Senhor cansado. Além disso, tem fome: os discípulos tinham ido à aldeia mais próxima buscar alguma coisa de comer. E tem sede: Entretanto, chegou uma mulher samaritana para tirar água. *Jesus disse-lhe: «Dá-me de beber.»*[\[109\]](#). Depois, vem toda aquele diálogo encantador, em que a alma sacerdotal de Cristo está atenta, solícita, para recuperar a ovelha perdida. Esquecendo o cansaço, a fome e a sede. *Entretanto, os discípulos insistiam com Ele, dizendo: «Rabi, come.»* Mas Ele disse-lhes: «Eu tenho um alimento, que vós não conheceis.» Então os discípulos começaram a dizer entre si: «Será que alguém Lhe trouxe de comer?» Declarou-lhes Jesus: «O Meu alimento é fazer a Vontade d'Aquele que Me enviou e consumir a Sua obra»[\[110\]](#).

Jesus Cristo, *perfectus Deus, perfectus homo*[\[111\]](#), apresenta-se à nossa consideração para que estejamos serenos perante as exigências limpas da nossa pobre natureza, para que as saibamos esquecer, ou pelo menos, colocá-las em segundo lugar perante o bem das almas - de todas as almas -, para nos animar a realizar a Obra que Deus nos confiou e a saber amar a Sua santíssima vontade, alimentando-nos sempre deste anseio.

**52** Uma palavra do Senhor, e a figueira sem fruto ficou seca até às raízes.

Os discípulos ficam atónitos, e Jesus diz-lhes: Tende fé em Deus. Em verdade vos digo, se alguém disser a este monte: 'Tira-te daí e lança-te ao mar', e não vacilar em seu coração, mas acreditar que o que diz se vai realizar, assim acontecerá. Por isso, vos digo: tudo quanto pedirdes na oração acreditai que já o recebestes[112].

A fé será a fonte inesgotável da nossa fecundidade apostólica.

*Para quem acredita em Mim, como diz a Escritura*, hão de correr do seu coração rios de água viva[113]. Mas a nossa fé tem de ser cheia de fidelidade leal ao Magistério do Romano Pontífice.

**53** O Senhor acabava de curar os mudos, os cegos, os coxos, os doentes e muitos outros que vinham ter com Ele. E ouçamos o que diz: Tenho compaixão desta gente, porque há já três dias que está comigo e não tem que comer. Não quero despedi-los em jejum, pois receio que desfaleçam pelo caminho[114]. O coração de Jesus Cristo está cheio de amor, e tem compaixão daquelas pessoas que O seguem há três dias!

Além disso, consideremos que alguns seguiam o Senhor como se segue um curandeiro, ou um poderoso da terra, para obter os seus favores, ou - não faltam provas desta intenção, na Sagrada Escritura - *ut caperent eum in sermone*[115], para pegarem nalguma palavra d'Ele e a distorcerem. Se para estes, que eram assim, por três dias de perseverança, Jesus faz o grande milagre da multiplicação dos pães, pensemos o que não fará por nós. Em tempos de dificuldade, ao sentires a tua indigência, recorre confiadamente

ao Senhor, abandona-te nas Suas mãos e diz-lhe que O seguimos há mais de três dias, com amor e com sacrifício.

**54** Crescei na fé, perante os obstáculos próprios ou alheios. Vede como o centurião reage, segundo a narração de São Lucas: Jesus acompanhou-os. Não estavam já longe da casa, quando o centurião Lhe mandou dizer por uns amigos: Não Te incomodes, Senhor, pois não sou digno de que entres debaixo do meu teto, pelo que nem eu me julguei digno de ir ter Contigo. Mas diz uma só palavra e o meu servo será curado[116].

As dificuldades, as contrariedades desaparecem quando nos aproximamos de Deus na oração. Vamos e falemos humilde e francamente com Jesus, recordando que *quem fala com simplicidade vai confiado*[117], e logo haverá luz: a paz, a serenidade e a alegria chegarão. E ficaremos felizes, mesmo que o barro ainda se note nas asas. Depois, mortificação, penitência, e esse barro cairá. E voaremos como águias, nas alturas da fé e das obras.

Tal como aquele homem de quem o Eclesiástico nos fala, devemos nós fazer: Desde o alvorecer, volta o seu coração para o Senhor que o criou, e faz a oração na presença do Altíssimo. Abre a boca em oração e pede perdão dos pecados. Se for a vontade do Senhor Soberano, será repleto do espírito de inteligência. Então, derramará, como chuva, as palavras da sabedoria e louvará o Senhor, na sua oração. Possuirá a vontade e a inteligência e meditará nos mistérios de Deus. Ensinará ele próprio a doutrina que aprendeu[118].

A oração dar-nos-á o endeusamento bom, humilde e santo. e poderemos trabalhar em todos os ambientes sem qualquer perigo. *Da, quaesumus, omnipotens Deus: ut, quae divina sunt, iugiter exsequentes, donis mereamur caelestibus propinquare*[119]: perseverando no seguimento do

que é divino, o Senhor nos dará a mãos cheias a riqueza dos Seus dons, a boa divinização. *Da nobis, quaesumus, Domine: perseverantem in Tua voluntate famulatum; ut in diebus nostris, et merito et numero populus tibi serviens augeatur* [120]. Perseveremos no serviço a Deus, e veremos como este exército de paz, este povo de corredenção cresce em número e em santidade.

#### É SEMPRE POSSÍVEL CHEGAR A SER SANTO

**55** Meus filhos, avancemos com alegria, com esforço – nada nos pode deter no mundo, desde que sirvamos o Senhor, pois tudo é bom para aqueles que amam a Deus: *diligentibus Deum, omnia cooperantur in bonum*[121]. Na vida, tudo tem remédio, menos a morte, e para nós, a morte é vida. Nada tem importância se há sinceridade, sentido sobrenatural e bom humor: nunca nada está perdido. Barrabás era um assassino e um desordeiro, e a Morte de Cristo - vida por Vida - salva-o a ele de morrer. Dimas era um ladrão, um criminoso, e depois de uma palavra humilde de arrependimento, uma oração simples e confiada, Jesus - vida por Vida - salva-o de morrer eternamente. Retifica, que nunca é tarde demais para retificar, mas retifica imediatamente, meu filho!

Muitas pessoas diferentes vêm e virão ao Opus Dei: todos os tipos de pessoas. Algumas são chamadas também *perto da penúltima hora*[122], como aqueles trabalhadores da vinha. Dar-me-á uma grande alegria ver chegar à Obra, chamada por Deus, uma pessoa já no fim da sua vida: talvez uma alma que tenha passado anos e anos longe de Jesus Cristo. Há sempre lugar para um operário da última hora, e - se for fiel - receberá o prêmio da glória, talvez até só com alguns minutos de amor, unido voluntariamente à Cruz, de pés e mãos: porque a santidade não está em fazer muito, mas em amar muito.

Um grande Amor nos espera no Céu – sem traições, sem enganos: todo o amor, toda a beleza, toda a grandeza, toda a ciência. E sem cansaço: saciar-nos-á sem saciar.

Sempre houve hereges – já os havia em vida dos Apóstolos – que tentaram tirar-nos esta esperança. Ora, se *Cristo é anunciado como ressuscitado dos mortos, como é que* alguns de entre vós dizem que não há ressurreição dos mortos? Se não há ressurreição dos mortos, também Cristo não ressuscitou. Mas se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã é também a vossa fé... E se nós temos esperança em Cristo apenas para esta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens[123].

Sejamos perseverantes em todas as dificuldades desta nossa navegação, no meio dos mares do mundo, com a esperança do Céu. Para nós e para todas as almas que querem amar, a aspiração é chegar a Deus: a glória do Céu. Se não, nada de nada vale a pena. Para irmos para o Céu, temos de ser fiéis. E para sermos fiéis, devemos lutar, seguir em frente no nosso caminho, mesmo quando alguma vez caímos por terra: com Ele, nos levantaremos.

#### RESPONSÁVEIS PELA SANTIDADE DOS OUTROS

**56** Não estamos sozinhos. *Vae soli*[124]: Ai de quem está só!

Procuremos que não nos falte o sentido de responsabilidade, sabendo que somos elos da mesma corrente. Portanto, cada um dos filhos de Deus na Sua Obra deve dizer, sinceramente: quero que este elo que eu sou não se rompa, porque se o quebro, estou a atraí-lo a Deus, à Santa Igreja e aos meus irmãos. E alegrar-nos-emos na fortaleza dos outros elos. Alegrar-me-ei pelo facto de existirem elos de ouro, de platina, engastados com pedras preciosas. Nenhum filho de Deus está só, nenhum filho de Deus é um verso

solto: todos somos versos do mesmo poema épico, divino, e não podemos quebrar essa unidade, essa harmonia, essa eficácia.

Havemos de sair vitoriosos das nossas misérias, tornando também os outros vitoriosos. Entre todos, ajudais-me a perseverar. Com erros, que todos temos e que - quando os reconhecemos, pedindo o perdão do Senhor - nos tornam humildes e merecem que digamos, com a Igreja: *Felix culpa!*\*

Assim alcançaremos a serenidade, ajudar-nos-emos a amar e a viver a nossa própria santidade e a santidade dos outros. Teremos aquela fortaleza das cartas que não se sustentam sozinhas, mas que, apoiando-se umas nas outras, podem fazer um castelo que se segura de pé. Deus conta com as nossas fraquezas, com a nossa fragilidade, e com a fragilidade dos outros. Mas conta também com a fortaleza de todos, se a caridade nos unir. Amai a bendita correção fraterna, que assegura a retidão do nosso caminhar, a identidade do bom espírito: *vai e corrige-o a sós. Se te ouvir, terás ganho o teu irmão*[\[125\]](#).

Tenhamos um coração grande, para podermos amar todas as criaturas da terra, com os seus defeitos, com as suas maneiras de ser. Não esqueçamos que, por vezes, temos de ajudar as almas a caminharem pouco a pouco; animá-las com paciência a avançarem lentamente, de modo a que mal possam notar o movimento, embora caminhem.

Na nossa sementeira de paz e de alegria, devemos difundir, fomentar e defender a legítima liberdade pessoal de cada um; o dever de cada ser humano de assumir a sua parte de responsabilidade nos afazeres desta vida; a obrigação de defender também a liberdade dos outros, bem como a sua, e de compreender todos; a caridade para aceitar os outros como eles são - porque cada um de nós tem falhas e erros -, ajudando-os, com a graça de Deus e a elegância humana, a ultrapassar esses defeitos, para que todos

possamos apoiar-nos uns aos outros, a fim de sustentarmos com dignidade o nome de cristãos.

**57** Há muitas almas à nossa volta, e não temos o direito de ser um obstáculo para o seu bem espiritual. Temos a obrigação de procurar a perfeição cristã, de ser santos, de não defraudar, não só a Deus, pela escolha que Ele fez de nós, mas também a todas aquelas criaturas que tanto esperam do nosso trabalho apostólico. Por motivos humanos também: mesmo por lealdade, esforçamo-nos por dar bom exemplo. Se algum dia tivéssemos a infelicidade de as nossas ações não serem dignas de um cristão, pediremos ao Senhor a Sua graça para as retificar.

Temos de ser fermento na massa da humanidade. E precisamos de santidade: reparar os erros passados, dispor-nos com humildade de coração a praticar as virtudes na nossa vida quotidiana. Se vivermos assim, seremos fiéis. Que alegria, ao chegarmos ao exame da noite, podermos dizer: Senhor, não me preocupei comigo durante este dia, porque estive sempre ocupado a servir-Te, a servir os outros, pelo Teu Amor!

#### UNIDOS AO SENHOR

**58** Sozinhos, não podemos fazer nada proveitoso, porque teremos obstruído o caminho das relações com Deus: *sine me nihil potestis facere* [126], sem Mim, nada podereis fazer. Mas unidos ao Senhor, podemos tudo: *omnia possum in eo qui me confortat* [127], poderemos fazer tudo n'Aquele que nos conforta, mesmo que tenhamos erros e enganos, desde que lutemos para não os ter.

Um conhecido meu - nunca acabo de o conhecer - sonhou uma vez que estava num avião a uma grande altura, não dentro, mas nas asas: e sofria terrivelmente. Nosso Senhor deu-lhe a entender que assim vão as almas

pelas alturas do apostolado, se não têm vida interior, em constante perigo de cair, sofrendo, sofrendo, inseguras.

**59** Esta vida é luta, guerra, uma guerra de paz, que deve ser sempre combatida *in gaudio et pace*. Teremos essa paz e essa alegria se formos homens - ou mulheres - da Obra, que quer dizer sermos sinceramente piedosos, cultos - cada um na sua ocupação -, trabalhadores, com espírito desportivo na vida espiritual: Não sabeis que os que correm no estádio correm todos, mas só um ganha o prémio? Correi, pois, assim, para o alcançardes. Os atletas impõem a si mesmos toda a espécie de privações: eles, para ganharem uma coroa corruptível, e nós, para ganharmos uma coroa incorruptível[128].

Por isso, somos almas contemplativas, em constante diálogo com o Senhor, em relação com Ele a todo o momento, desde o primeiro pensamento do dia até ao último pensamento da noite, porque somos apaixonados e vivemos de Amor. Pomos continuamente o nosso coração em Jesus Cristo nosso Senhor, chegando a Ele pela Sua Mãe, Santa Maria, e por Ele, ao Pai e ao Espírito Santo.

Se nalgum momento aparecer a intranquilidade, a inquietação, o desassossego, aproximamo-nos do Senhor, e dizemos-Lhe que nos pomos nas Suas mãos, como uma criancinha nos braços do seu pai. É uma entrega que pressupõe fé, esperança, confiança, amor.

Posso dizer que quem cumpre as nossas Normas de vida – quem luta por cumpri-las – tanto em tempo de saúde, como em tempo de doença, na juventude e na velhice, quando há sol e quando vem a tormenta, quando não lhe custa vivê-las e quando lhe custa, esse meu filho está predestinado: se perseverar até ao fim, estou seguro da sua santidade.

De tal forma o nosso Deus ama as criaturas - *deliciae meae esse cum filiis hominum*[129], as minhas delícias são estar com os *filhos dos homens* que, se nalgum momento não soubemos ser fiéis ao Senhor, Ele sim cuida de nós. Tal como uma mãe não leva em conta as faltas de afeto do filho logo que ele se aproxima dela com carinho, também Jesus não se lembra das coisas que não fizemos bem quando finalmente vamos a Ele com carinho, arrependidos, limpos pelo sacramento da penitência.

**60** Filiação divina, portanto. Com esta maravilhosa confiança, não perdemos a serenidade: para nos sentirmos seguros, para regressar, se nos tivermos desencaminhado nalguma escaramuça desta luta diária. Mesmo que tenha sido uma derrota grande, uma vez que, pela nossa fraqueza podemos desencaminhar-nos, e de facto, nos desencaminhamos. Sintamo-nos filhos de Deus, para regressarmos a Ele com agradecimento, seguros de sermos recebidos pelo nosso Pai do Céu.

O Senhor fala-nos, se O queremos ouvir, no fundo da nossa alma, através de pessoas e acontecimentos, como um Pai amoroso. E dá-nos, sem espetáculo, a graça conveniente para termos a força necessária, mesmo a energia humana, para terminarmos as coisas com o mesmo entusiasmo com que as começámos. Portanto, o endeusamento que nos leva a perseverar, a viver cheios de confiança, a superar as dificuldades, já não é um grito de orgulho. É um grito de humildade: uma forma de tornar patente a nossa união com Deus, uma manifestação de caridade. É a nossa própria miséria que nos leva a refugiar-nos em Deus, a *endeusarmo-nos*.

#### TRATAR JESUS CRISTO COM CONFIANÇA. ALEGRIA NA LUTA

**61** Conviver com Deus, tocar Deus. Vejamos como São Lucas nos conta a cura da hemorroíssa. Jesus pergunta: «Quem me tocou?» Como

todos o negassem, Pedro e os que estavam com Ele disseram: «Mestre, é a multidão que te aperta e empurra. E Tu perguntas, quem Me tocou?»[130].

De Cristo sai a vida em torrentes: uma virtude divina. Meu filho, tu falas com Ele, toca-Lo, come-Lo todos os dias, ganhas intimidade com Ele na Sagrada Eucaristia e na oração, no Pão e na Palavra.

Há bastantes anos, presenciei esta cena: um grupo de homens e, entre eles, um popularmente famoso. As pessoas paravam a olhar para ele. Um rapazinho saiu da multidão, passou uma mão pelo fato do homem que todos admiravam, e voltou de cara radiante, gritando: eu toquei-lhe!

Nós fazemos mais: temos uma *amizade pessoal* com Jesus Cristo. Nesta relação está a base do nosso *bom endeusamento*. Na Sagrada Eucaristia e na oração está a cátedra em que aprendemos a viver, servindo com um serviço alegre todas as almas, a governar, servindo também, a obedecer em liberdade, querendo obedecer, a procurar a unidade no respeito pela variedade, pela diversidade, na identificação mais íntima.

Os Atos dos Apóstolos descrevem, em poucas palavras, o ambiente da primeira comunidade cristã: *todos eles perseveravam nas instruções dos Apóstolos, na comunicação da fração do pão e na oração*[131]. Com a Fé, o Pão e a Palavra, perseveraremos, seremos chamados vencedores, e teremos todo o amor que nos espera no Céu, depois de termos sido felizes na terra e de termos aberto caminhos de paz no meio do mundo, a tantas almas de todas as nações.

**62** Meus filhos, deveis estar contentes. Eu estou, mesmo que não o devesse estar olhando para a minha pobre vida. Mas estou contente, porque vejo que o Senhor nos procura mais uma vez, que o Senhor continua a ser o nosso Pai, porque sei que tu e eu veremos que coisas precisamos de deixar e

vamos deixá-las; que coisas precisamos de queimar, e vamos queimá-las; que coisas precisamos de entregar, e vamos entregá-las.

Minha Mãe, dá-nos, a estes meus filhos e a mim, o dom bendito da humildade na luta, que nos fará sinceros, a alegria de nos sentirmos tão profundamente imersos em Deus, *endeusados*. A alegria sacrificada e sobrenatural de ver toda a pequenez - toda a miséria, toda a debilidade da nossa pobre natureza humana, com as suas fraquezas e defeitos – disposta a ser fiel à graça do Senhor, e a sermos assim instrumento para coisas grandes.

Dizei comigo: Senhor, sim, com a ajuda da Nossa Mãe do Céu, seremos fiéis, seremos humildes, e nunca esqueceremos que temos pés de barro, e que tudo o que brilha em nós é Teu, é graça, é essa divinização que nos dás porque queres, porque és Bom: *confitemini Domino quoniam bonus*[\[132\]](#), louvai o Senhor, porque Ele é bom.

**63** Não há tempestade que possa fazer naufragar o coração da Virgem Mãe de Deus. Cada um de nós, quando vêm as tempestades, lute e, para estarmos seguros, recorramos ao refúgio firme do Coração Dulcíssimo de Maria. Ela, a Santíssima Virgem, é a nossa segurança, é a Mãe do Amor Formoso, a Sede da Sabedoria, a Medianeira de todas as graças, Aquela que nos conduzirá pela mão até ao seu Filho, Jesus.

Meus filhos, quando estamos tristes e quando estamos alegres, quando as nossas misérias são mais ou menos aparentes, e quando nos pesam mais, recorrei sempre a Maria, porque ela jamais nos abandonará, neste caminho de serviço ao seu Filho Jesus, no meio do mundo.

Santa Maria, Mãe de Deus e nossa Mãe, que tanto sabes das misérias dos teus filhos humanos. Santa Maria, Omnipotência Suplicante, perdão pela nossa vida, pelo que houve em nós que devia ter sido luz, e foi trevas,

pelo que devia ter sido força, e foi indolência; que deveria ter sido fogo, e foi tibieza. Já que conhecemos a pouca qualidade da nossa vida, ajuda-nos a ser de outra maneira, a ter contigo - como teus filhos - esse bom ar de família.

Uma bênção do vosso Padre.

Madrid, 24 de março de 1931

**[Voltar ao índice](#)**

## NOTAS:

[1] Mc 6,48.

[2] Sl 56 [55],2-3.

[3] Mc 6,50-51.

[4] S.Th. II-II, q. 129, a. 7 ad 2.

[5] Dn 2,32-33.

[6] Dn 2,34-35.

[7] 1 Cor 10,12-13.

[8] 2 Pd 1,4.

[9] Santo Agostinho de Hipona, Enarrationes in Psalmos, 85, 4 (CChr.SL 39, p. 1179).

[10] Sl 18 [17],28.

[11] 1 Pd 2,2.

[12] Diadochus of Photius, Capita centum de perfectione spirituali, c. 95 (PG 65, cols. 1207-1208).

[13] Sl 18 [17],2-3.

[14] Mt 7, 24-27.

[15] Sb 3,11.

[16] Sb 10,17.

[17] Mt 10,34.

[18] S.Th. II-II, q. 24, a. 7 c.

[19] Fl 3, 12.

\* Cf. Santo Agostinho de Hipona, *De Peccatorum meritis et remissione et de Baptismo parvulorum ad Marcellinum libri tres*, II, c. 13, 20 (CSEL 60, p. 93).

[20] Santo Agostinho de Hipona, *Enarrationes in Psalmos*, 38, 6 (CChr.SL 39, p. 1179).

[21] Sir 24, 29.

[22] Jb 7,1.

[23] Pr 24,16.

[24] Ez 33,11-12.

[25] S.Th. II-II, q. 79, a. 1 c.

[26] Mt 13,24.

[27] Mt 13,25.

[28] «S. Miguel Arcanjo, protegei-nos no combate: (...) contra as armadilhas e ciladas do demónio...» . Missal Romano, Oração a S. Miguel.

[29] Is 21,11.

[30] Mt 26, 41.

[31] Mt 13, 26.

[32] Mt 13,36.

[33] Sl 143[142],9–10.

- [34] Heb 12,1-2.
- [35] Fl 4,4.
- [36] 2Cor 4,15-18.
- [37] Sl 86 [85], 3.5.
- [38] Jo 9,1-3.
- [39] S. Th. II-II, q. 4, a. 8 ad 2.
- [40] Jo 9,6-7.
- [41] Jo 8,12.
- [42] Santo Agostinho de Hipona, Sermo 21, 2 (CChr.SL 41, p. 278).
- [43] Pr 8,3
- [44] Jo 14,21.
- [45] Rm 11,33.
- [46] Cf. Sl 19 [18],11.
- [47] Tb 12,13.
- [48] Sl 6,3-4.
- [49] Is 43,1.
- [50] Ef 1,4.
- [51] S. Th. III, q. 62, a. 6 ad 3.
- [52] Sl 35 [34],13.
- [53] Sl 118 [117],13.
- \* Cf. Gn 25,29-34.

[54] Sl 119 [118],106.

\* Cf. Rm 8, 28 (N. E.).

[55] Santo Agostinho de Hipona, De correptione et gratia liber unus, c. 9, 24.(CSEL 92, p. 247).

[56] Lc 17,10.

[57] Jo 21,17 Domine, tu omnia nosti; tu scis, quia amo te; Senhor, Tu sabes tudo. Tu sabes que eu te amo.

[58] Cf. Sl 43 [42],2.

[59] S. Th. II-II, q. 35, a. 1 ad 3.

[60] Sl 130 [129],1-8.

[61] Gn 2,7.

[62] Sl 37 [36],23-24.

[63] Lc 7,12-15.

[64] Sl 30 [29], 2-5.

[65] Lc 5,4-8.

[66] Lc 5,10.

[67] Jo 8,46.

\* Hino Sacris Solemnis

[68] Sl 51 [50], 19.

[69] São João Crisóstomo, Sermo Non esse ad gratiam concionandum, 4, (PG 50, cols. 658-659).

[70] Sl 71,7.

[71] 2Cor 12,7-10.

[72] Jo 3,27.

[73] Jo 13,36-38.

[74] Mt 20,28 non venit ministrari, sed ministrare : o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir.

[75] Jo 3,30.

[76] Santo Agostinho de Hipona, Sermo 69, 2 (PL 38, col. 441).

\* Cf. Miguel de Cervantes, El coloquio de los perros (Novelas ejemplares),ed. por Florencio Sevilla Arroyo, Alicante, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001, fol. 24. Cervantes, 2001, fol. 246v (N. E.).

[77] Fl. 1,10.

[78] Sl 139[138],1,4,7-8,11-12.

[79] S. Th. I-II, q. 77, a. 2c.

[80] Jr 23,16-17,32.

[81] Cf. 2Cor 1,12.

[82] 1 Rs 3,6,9.

[83] 1Pd 1,24-25.

[84] Heb 9, 27.

[85] Mt 24,13.

[86] Jo 6,26.

[87] Jo 6,28-30.

[88] Jo 6,34.

[89] Jo 6, 67-70.

[90] Gl 5,6.

[91] Ef 5,32.

[92] 2 Cor 4,7.

[93] Rm 7,24.

[94] 2 Cor 12,9.

[95] Lc 11,24-26.

[96] S. Th. III, q. 89, a. 2 c.

[97] 1 Rs 3,6,9.

[98] Sir 31,10-11.

[99] Ef 1,4.

[100] Lc 18,22.

[101] Lc 22,24.

[102] Lc 10,35-39: Marta e Maria [103] Rm 6,3-4.

\* Cf. Mc 10,35-39; possumus: podemos!

[104] Fl 4,13.

[105] Fl 1,6.

[106] Sl 43 [42]:2; quia tu es, Deus, fortitudo mea; pois tu és, ó Deus, a minha força.

[107] S. Th. I-II, q. 113, a. 9 ad 2.

[108] Jo 4, 5-6.

[109] Jo 4,7.

[110] Jo 4,31-34.

[111] Symbolum Quicumque, pseudo-Athanasianum, 32 (DH n. 75); perfectus Deus, perfectus homo; perfeito Deus e perfeito Homem.

[112] Mc 11, 22-24.

[113] Jo 7,38.

[114] Mt 15,32.

[115] Lc 20,20.

[116] Lc 7,6-7.

[117] Pr 10,9.

[118] Sir 39,5-10.

[119] Missale Romanum (de S. Pio V), FERIAE III post Dominicam Passionis, Postcommunio; Da, quaesumus ... caelestibus propinquare: Concede-nos, Deus Todo-Poderoso, que, cumprindo sempre os divinos mandamentos, possamos merecer os dons celestiais.

[120] Missale Romanum (de S. Pius V), FERIAE III post Dominicam Passionis, Oratio super populum; Da nobis, quaesumus, Domine ...serviens augeatur: Pedimos-Te, Senhor, que nos concedas que te sirvamos constantemente de acordo com a Tua vontade; para que nos nossos dias, o povo fiel possa aumentar em mérito e número.

[121] Rm 8, 28.

[122] Mt 20,9: “vieram os das cinco da tarde e receberam um denário cada um.”

[123] 1Cor 15,12-14,19.

[124] Ecl 4,10.

\* Cf. Missale Romanum, proclamação da Páscoa ou Exsultet.

[125] Mt 18,15.

[126] Jo 15,5.

[127] Fl 4,13.

[128] 1 Cor 9,24-25.

[129] Pr 8,31.

[130] Lc 8,45.

[131] At 2,42.

[132] Sl 106 [105],1.

# **SOBRE**

Gabinete de Informação do Opus Dei, 2025

**[www.opusdei.pt](http://www.opusdei.pt)**

**Consulte a lista completa de ebooks gratuitos**